

## **Sumário – Eco setembro-outubro - 2005**

### **Vida Espiritual**

- 314 5ª Ficha de estudo das Constituições: “Vida das Filhas da Caridade”  
Comunidade fraterna para a missão  
Padre Javier Alvarez, Diretor Geral
- 329 Pistas de reflexão para o retiro espiritual  
Padre Javier Alvarez, Diretor Geral
- 333 São Vicente de Paulo ... na auto-estrada  
Padre Richard Mc Cullen, cm

### **Atualidade das Províncias**

#### **Testemunho das Irmãs**

- 345 Províncias da América Latina e do Caribe: Encontro de Formadoras e Diretores  
Provinciais no México  
Irmãs que participaram do Encontro
- 351 Primeira Sessão internacional das Filhas da Caridade ao serviço dos migrantes, na  
Casa-Mãe  
Irmãs Consuelo Tovar e Joanne Dress
- 356 Província da Irlanda: Dez anos de trabalho em favor da justiça social.  
A parceria vicentina pela justiça social
- 361 Província da Colônia (Alemanha): XXª Jornada mundial da Juventude  
Irmãs Petra Schupp e Stefanie Kallenborn, Filhas da Caridade
- 364 Província da África Central: As crianças de rua em Kigali, Ruanda.  
Irmã Béatrice Uwizeyemariya, Filha da Caridade

#### **Palavra dos Pobres**

- 368 Província da África Central: O compromisso dos jovens  
Irmã Valentine Uwimana, Filha da Caridade

#### **Notícias Breves**

- 369 Prêmio “Príncipe das Astúrias” da Concórdia entregue às Filhas da  
Caridade no dia 21 outubro de 2005, em Oviedo (Província de Gijón)
- 370 Aprofundamento das Constituições (Província da Eslovênia)

#### **Família vicentina**

- 371 2ª Assembléia Gera da JMV: “Com uma espiritualidade leiga, partilhamos a missão”  
Irmã Asuncion Garcia, Delegada internacional das JMV

## **História da Companhia**

### **Especial 175º aniversário das Aparições de 1830**

376 A Medalha da Imaculada  
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

#### **PADRE J. ALVAREZ, DIRETOR GERAL**

### **5ª Ficha de estudo sobre as Constituições renovadas**

#### **VIDA DAS FILHAS DA CARIDADE**

Comunidade fraterna para a missão  
(C. 32 - 37; E. 19 - 24)

## **I. INTRODUÇÃO**

Na primeira ficha de estudo das Constituições nós fizemos uma observação que é importante recordar aqui: todos os textos das Constituições e Estatutos de 1983 foram revisados pela Assembléia Geral de 2003. Alguns mudaram e outros não. Permaneceram aqueles que a Assembléia considerou válidos para hoje, tanto no que se refere ao conteúdo quanto a forma. Neste caso, a revisão consistiu em uma reafirmação. Foi um pouco isso o que aconteceu neste capítulo que trata da vida fraterna para a missão. O conteúdo fundamental dos textos precedentes permaneceu. Foram introduzidas somente algumas mudanças na redação, ordenando de uma maneira mais lógica alguns parágrafos. Vocês podem comparar, por exemplo, o artigo 32 das Constituições atuais com o 2.17 das Constituições de 1983. Também foram acrescentadas algumas expressões ou palavras que respondem às necessidades e às situações da vida comunitária de hoje. Tudo isto nós veremos um pouco mais adiante.

O tema da comunidade fraterna para a missão é amplo e complexo, tanto que é impossível desenvolver todos os aspectos no espaço de uma ficha como esta que lhes oferecemos. Por esta razão optamos por selecionar aqueles que são indispensáveis para dar o impulso que a vida comunitária necessita hoje. Todos estes aspectos se encontram dispersos no conjunto dos artigos que formam este parágrafo. Esta escolha não significa que os outros aspectos são menos importantes. Convidamos e pedimos às Irmãs que leiam e meditem todos os artigos tal como aparecem nas Constituições. Estes são textos que se entrelaçam muito bem. Cada palavra, cada frase têm sua razão de ser e sua importância.

## **II. PRINCIPAIS CONTEÚDOS DA FICHA**

Antes de começar a desenvolver os diferentes aspectos da vida comunitária nós vamos fazer uma análise da realidade. Certamente, as Constituições e os Estatutos indicam com clareza a meta por onde se deve andar, mas todo caminhante deve ver em que ponto ele se encontra para saber se orientar e com que velocidade deve andar.

Uma olhada na realidade nos revela que há comunidades onde se vive a fraternidade evangélica, a aceitação mútua, a missão comum, a reconciliação, a partilha do que se é e do que se tem. Nelas se tornam realidades o anseio do salmista: “*Vinde e vede como é bom, como é suave os irmãos viverem juntos bem unidos!*” (Sl 133.1).

Junto a estas outras realidades ocorrem também as que provocam um certo mal-estar e descontentamento em muitas comunidades: a falta de aceitação das diversas mentalidades e de caracteres, o egoísmo e o individualismo, os projetos pessoais que se opõem ao Projeto Comunitário, a falta de confiança e de diálogo, o autoritarismo que termina gerando infantilismo, a desilusão e a apatia de alguns membros da comunidade, a resistência na reconciliação, as suscetibilidades à flor da pele, a incoerência entre o muito que se espera da comunidade e o pouco que se contribui, as amizades exclusivas, não abertas aos outros, a imaturidade e as carências afetivas na história pessoal, a compreensão diferente e as expectativas sobre o que pode e o que deve ser a vida fraterna em comum, o fato de não ter assimilado o binômio, liberdade-obediência.

Cada Filha da Caridade deverá se perguntar onde ela se encontra dentro desta dimensão da identidade da Companhia, quais são as causas de certas situações negativas, como superá-las com a colaboração de todas. Mas uma vez, devemos nos lembrar que a revisão das Constituições e dos Estatutos foi feita em vista de uma revitalização do Carisma, e a vida fraterna em comum é um dos elementos integrantes da identidade da Companhia. Talvez hoje esta dimensão esteja pedindo com certa urgência uma revitalização. Nós podemos encontrar esta ajuda nas próprias Constituições, visto que estas foram elaboradas de tal maneira que nos mostram o ideal, a meta rumo ao qual, as Filhas da Caridade devem seguir. O ideal pode se tornar um ímã cuja força atrai para si a realidade que está mais ou menos distante. Isto quer dizer, é claro, que se deve entrar nesta dinâmica da conversão contínua.

## **1 - Uma Comunidade fraterna para a missão**

Os Fundadores queriam que as Filhas da Caridade vivessem em Comunidade para melhor servir os pobres. “*Porque é que Deus instituiu a Companhia da caridade? Porque é que me chamou para aqui?... Para honrar Nosso Senhor e prestar-Lhe serviço nos pobres e fazer tudo o que Ele decidiu que eu fizesse*”<sup>1</sup>. “*Minhas Filhas, o serviço dos pobres deve ser sempre preferido a tudo o mais*”<sup>2</sup>. “*Sois pobres Filhas da Caridade, que vos destes a Deus para o serviço dos pobres*”<sup>3</sup>. A fim de melhor cumprir a finalidade da Companhia, os Fundadores quiseram que as Filhas da Caridade vivessem em Comunidade. É o que afirmam também as Constituições e os Estatutos renovados ao longo deste capítulo que estamos apresentando. Nós devemos observar como algo de significativo o fato de que: no título das Constituições de 1983, “*comunidade fraterna*”, acrescentou-se “*para a missão*” nas Constituições atuais. No artigo 32a está ainda mais explícito: “*Chamadas e reunidas por Deus, as Filhas da Caridade vivem a **vida fraterna em comum em vista da missão específica de serviço***”. O negrito da letra usada neste caso tem como finalidade ressaltar esta afirmação.

Este artigo traduz fielmente o pensamento dos Fundadores. De fato, estes, ao mesmo tempo em que insistiam sobre a prioridade do serviço dos pobres, eles inculcavam nas Irmãs a necessidade do amor mútuo, da cordialidade, da tolerância e da reconciliação<sup>4</sup>. É necessário dizer que “*a vida fraterna em comum*” e “*a missão específica de serviço*” são duas dimensões inseparáveis (Cf. C. 9). A Comunidade cumprirá melhor a missão que lhe foi confiada se existe uma verdadeira fraternidade e, também, a missão de serviço dos pobres deve modelar e dinamizar a vida Comunitária.

Os textos renovados consideram esta dupla dimensão que caracteriza a Vida Comunitária das Filhas da Caridade: é uma Comunidade orientada “para fora”, quer dizer, orientada para a missão e, ao mesmo tempo, o cumprimento da missão depende da vitalidade da Comunidade “para dentro”: amor fraterno, vida espiritual, acolhida e apoio mútuo, reconciliação, diálogo e discernimento (Cf. C. 32, 33, 36). “Comunidade para fora” significa que a vida comunitária se compreende e se organiza a partir da missão confiada a cada Comunidade. O dom a Deus se vive no serviço dos pobres. Isto também significa e requer disponibilidade por parte das Irmãs, não nos doamos a Deus para servir os pobres deste lugar ou com estas pessoas, mas lá onde os pobres precisam e a obediência nos envia. Ser uma comunidade para a missão significa que as dificuldades da vida comunitária não devem trazer prejuízo à missão. Ao contrário, a urgência da missão deve ser um estímulo para confrontar e superar as dificuldades comunitárias. Ser Comunidade para a missão significa que o Projeto Comunitário deve ser compreendido e elaborado como um instrumento que vai dinamizar o serviço dos pobres como Filhas da Caridade. Então, a opinião de algumas Irmãs que pensam que a vida comunitária é um obstáculo para a missão, não tem sentido.

Não há nenhuma oposição entre a comunidade “para fora” e a comunidade “para dentro”. Não há antagonismo da complementaridade, mas uma inter-relação mútua: uma comunidade será mais apostólica quanto mais profunda for sua união com Deus. Ela será tanto mais apostólica que suas relações interpessoais serão mais fraternas, e que o grau de participação nos bens espirituais e materiais serão mais elevados. São Vicente dava às primeiras Irmãs o exemplo da comunidade de Jesus com seus discípulos: *“A Providencia reuniu aqui doze de vós e parece que com o fim de honrardes a Sua vida humana na terra”*<sup>5</sup>. Jesus chamou seus discípulos, não somente para lhes enviar em missão, mas também para estar com eles e formar uma comunidade (Cf. Mc 3, 14).

Nas Constituições renovadas aparecem claramente estas duas dimensões da vida fraterna em comum: a comunidade é para a missão, a qualidade da vida fraterna garante um melhor serviço aos pobres, este constrói e enriquece a comunidade. A Constituição 16b é bem explícita: *“Este serviço nutre sua contemplação e dá sentido a sua vida Comunitária, assim como a relação com Deus e a vida fraterna em comum, revigoram sem cessar o compromisso apostólico”*.

## **2 - A comunidade se apóia sobre bases teológicas**

Os autores espirituais e os documentos da Igreja que tratam hoje do tema da vida comunitária na vida consagrada, coincidem com o diagnóstico de que a mística que deve animar a vida comunitária está debilitada. Logicamente, o tratamento não pode ser outro que o da recuperação ou da revalorização desta mística.

João Paulo II na Exortação *Vita consecrata* faz uma afirmação que, à primeira vista, difere do que dissemos no parágrafo precedente, *“a comunidade para a missão”*. *“A comunhão fraterna – diz o Papa - antes de ser um instrumento para uma determinada missão, é um espaço teológico, onde se pode experimentar a presença do Senhor ressuscitado”*<sup>6</sup>. Através de toda esta parte que as Constituições consagram à vida fraterna, encontramos diversas expressões que ressaltam a dimensão de fé e as bases teológicas sobre as quais devemos construir a vida fraterna em comum: *“Chamadas e reunidas por Deus... A Comunidade local deseja ser a imagem da Trindade”* (C. 32a), *“As Irmãs unidas na convicção de um mesmo apelo..., se entrelaçam a caminhar juntas para o Senhor”*, *“Sua vontade de conversão”*, *“A reconciliação, o perdão mútuo”* (C. 32b), *“reunidas em seu nome (do Senhor), numa verdadeira comunidade de oração, (elas) encontram sua presença... Esta comunidade vai haurir sua força na fé partilhada, na Eucaristia e no louvor”* (C. 33). *“A*

*Irmã Servente cria com suas Irmãs, uma atmosfera de fé, de oração...*” (C. 36a). À luz de todas estas citações, nós nos damos conta que a afirmação de João Paulo II não é estranha às Constituições renovadas.

De fato, a comunidade é, antes de tudo, uma realidade de fé e que só podemos compreendê-la a partir deste ângulo. Quando se olha a comunidade com os olhos da fé, então se descobre que seus membros são os que Deus chamou e reuniu. Uma mesma vocação os une, um mesmo espírito, um mesmo fim, eles são chamados a ser a imagem da Trindade – pessoas diferentes unidas pelo amor -, o Senhor está presente naqueles que se reúnem em seu nome. Tudo isto inspira a mística que deve animar a comunidade. Sem esta mística, a fraternidade evangélica na comunidade não tem razão de ser. Em outros termos, somente o serviço dos pobres não é uma razão suficiente para viver em comunidade. Seria possível servi-los em uma ONG ou em uma equipe de trabalho. A Comunidade das Filhas da Caridade é uma coisa diferente. Nos artigos das Constituições e dos Estatutos consagrados à vida comunitária, podemos perceber esta visão de fé a partir da qual se deve compreender e se construir a comunidade. Somente desta maneira, a comunidade terá bases sólidas, de acordo com o que recomenda Jesus em seu Evangelho (Cf. Mt 7, 24-25). Eis a mística que necessita a vida comunitária. Para comprovar até que ponto a comunidade está centrada em Deus, nós encontramos na Constituição 32 esta citação de São João *"Nisto todos conhecerão que vós sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros"* (Jo 13, 35). A comunidade é um lugar teologal, lá onde vivemos o amor mútuo como sinal distintivo dos discípulos de Jesus.

### **3. A construção da comunidade é tarefa de todas as Irmãs**

O artigo 36 confia à Irmã Servente uma responsabilidade especial na hora de construir a comunidade: *"A Irmã Servente cria com suas Irmãs uma atmosfera de fé, de oração, de cordialidade, de ardor apostólico na alegria"*. Estas palavras, *"com suas Irmãs"* têm uma grande importância. Os textos renovados enfatizam a co-responsabilidade de todas as Irmãs quando se trata de construir a comunidade. Esta *"se constrói dia a dia pelo dom de si e o compromisso de cada uma..., (elas) acolhem-se mutuamente com respeito e confiança..., aceitando as diferenças"* (C. 32a). Em outros textos foi também mencionado este princípio da co-responsabilidade: *"As Irmãs caminham juntas para o Senhor"*. (Cf. C. 32b) *"Isto requer a responsabilidade pessoal"* (Cf. C. 33), a co-participação (Cf. C. 34), porque toda Irmã *"sente-se responsável em contribuir, com todos os recursos de sua personalidade e as riquezas de sua cultura à missão comum"* (C. 35a). Tudo isto contribui para que a vida em comum seja *"uma comunhão onde cada uma doa e recebe e coloca tudo o que tem e tudo o que é a serviço de todos"* (C. 32b).

Na vida em comum, todas as Irmãs são chamadas a construir a comunidade. Desde então, tendo em conta esta co-responsabilidade, aquelas que se lamentam da má qualidade da vida comunitária, são pouco coerentes com seu compromisso, do mesmo modo para aquelas que se instalam na indiferença ou na passividade. Esta atitude indica um comportamento de "consumidora" da comunidade ao invés de ser "construtora" da mesma. Para facilitar esta tarefa, as Constituições e Estatutos apresentam não somente o ideal para o qual temos que caminhar, mas também oferecem diversos meios para dinamizar a vida fraterna e a missão. Entre outros, dão uma importância especial ao diálogo, aos diversos intercâmbios e ao Projeto Comunitário (Cf. C. 32b, 34, 35a).

Sem diálogo, sem comunicação não há comunidade. Para chegar a se sentir como irmãos e irmãs é necessário conhecer-se. Para isto é necessário se comunicar. A comunicação cria relações de proximidade, alimenta o sentido de família, assim como a participação e a co-responsabilidade diante da missão comum. Ao contrário, a falta de diálogo gera o individualismo, a indiferença pelos outros, o anonimato, o isolamento e a solidão.

Uma constante comum a todos os Fundadores tem sido a de tomar como modelo para as comunidades que fundaram o que apresenta o livro dos Atos dos Apóstolos (Cf. Atos 2, 42-44). Diz-nos o texto bíblico que a comunidade primitiva partilhava os bens espirituais (*“eles eram assíduos na fração do pão e na oração”*), os bens materiais (*“tinham tudo em comum”*) e o amor mútuo (*“tinham um só coração e uma só alma”*). Nas Constituições o artigo 34 fala exatamente destes três níveis de comunicação: *“A vida comunitária suscita entre elas uma partilha que vai das condições materiais da existência aos compromissos espirituais e apostólicos”*. Os diversos intercâmbios oferecidos pelas Constituições e Estatutos vão neste sentido, querem alimentar estes três níveis da vida comunitária e da missão: a vida espiritual com a partilha de oração (Cf. C. 33; E. 3), a missão pela reflexão apostólica (Cf. EE. 11. 63), a revisão comunitária sobre o uso dos bens materiais e o estilo de vida (Cf. E. 16a), a caridade espiritual, a correção fraterna e a reconciliação (Cf. C. 32 b).

Os textos renovados dão uma grande importância a estes dinamismos comunitários. No fundo, é preciso interpretá-los como um apelo a recuperá-los e a revitalizá-los. Sobre o ponto da realização, estes textos estão abertos à criatividade. Pareceria que a Assembléia tenha escutado esta reflexão de Mère Guillemin: *“Quando um hábito se torna um gesto de rotina, é absolutamente necessário encontrar o meio de revigorá-lo e revivê-lo”*<sup>7</sup>. A frequência e a duração dos intercâmbios dependerá do tipo de comunidade e dos compromissos apostólicos que lhes foram confiados. É por esta razão que se deixa a cada comunidade o cuidado de estabelecê-lo em seu Projeto Comunitário. Lógico, a qualidade da comunidade não depende do tempo que passam juntas nem da quantidade de intercâmbios. Mas, reduzi-los ao mínimo ou suprimi-los significa não levar em conta a necessidade da comunicação e do diálogo para criar a comunidade. Sem estes, a comunidade consistiria em um grupo de pessoas justapostas que não formaria uma verdadeira comunidade fraterna.

A importância do diálogo é também ressaltada nas Constituições quando se trata do discernimento comunitário, antes de uma tomada de decisão: *“No diálogo, comunicam-se as experiências, atenuam-se as diferenças e preparam-se as decisões”* (C. 34). Sobre a Irmã Servente recai a responsabilidade de *“suscitar a reflexão comum para o discernimento das necessidades, apelos e compromissos”* (C. 36a).

#### **4. "A Comunidade é o primeiro lugar de pertença das Filhas da Caridade" (C. 34)**

Nós nos encontramos diante de uma afirmação nova introduzida no artigo 34 das Constituições renovadas. Já em 1985, o documento da Assembléia Geral: *“na encruzilhada”*, utilizou esta expressão para assinalar o perigo da multi-pertença: *“Face às multi-pertenças - diz o documento - e pressões que nos solicitam no contexto atual, reafirmamos nossa PERTENÇA À COMPANHIA”*<sup>8</sup>. O documento *Junto ao poço de Jacó* retoma a mesma expressão assumida pelas Constituições: *“a Comunidade é nosso PRIMEIRO LUGAR DE PERTENÇA”*<sup>9</sup>. Alguns aspectos desta afirmação se encontram nas Constituições 5c, 82a e Estatutos 8a, mas a formulação e a introdução no texto renovado é uma novidade.

Por que esta expressão foi introduzida nas Constituições? O que significa: a comunidade é o primeiro lugar de pertença para as Filhas da Caridade? A palavra “pertença” significa adesão, ser parte integrante de um todo. A pertença evoca a dependência de algo que se considera como principal. Frequentemente, as Irmãs servem os pobres inseridas em órgãos públicos ou privados, civis ou eclesiais, mas elas devem agir em coerência com seu compromisso fundamental de Filhas da Caridade e que *“Qualquer outro engajamento que forem convidadas a assumir requer o entendimento com a Comunidade local e a permissão da autoridade provincial, porque cada Irmã engaja a Companhia toda”* (E. 8 a).

O artigo 24 e os Estatutos 8 e 9 animam as Irmãs a colaborar com outros grupos. Em razão de sua preparação profissional, com frequência as Irmãs fazem parte de diversos grupos como, por exemplo: o grupo de enfermeiras, professoras, assistentes sociais, etc. Colaboram com a Igreja local ou diocesana em tarefas pastorais como a catequese, a liturgia, as obras sociais. Frequentam grupos ou movimentos eclesiais, tais como grupos de carismáticos ou de catecumenatos. Constatamos com certa compaixão, que há Irmãs que se sentem mais vinculadas afetiva e efetivamente a estes grupos do que à comunidade à qual pertencem. Diante desta realidade, as Constituições introduziram a afirmação que nós comentamos: "*a comunidade é o primeiro lugar de pertença para as Filhas da Caridade*" (C. 34). Isto é, as Filhas da Caridade com as quais devem se sentir em comunhão, com as quais devem partilhar a fé, os bens, a afeição, a missão apostólica, as alegrias e as tristezas são, em primeiro lugar, com as Irmãs de sua comunidade. Uma mesma vocação, um mesmo espírito e uma mesma missão as unem. É com elas que devem se sentir identificadas, que devem partilhar o que têm e o que são, assim como se sentirem co-responsáveis pela vitalidade da comunidade. Não se trata de se isolar e de não cooperar com outros grupos, mas de dar a prioridade afetiva e efetiva ao grupo principal ao qual pertencem: a comunidade. O artigo 9 das Constituições diz: "*Esta vida comum e fraterna se vive na comunidade local, onde as Irmãs se acolhem na fé com simplicidade de coração. Na alegria, dão testemunho de Jesus Cristo e se reabastecem continuamente em vista da missão*".

Alguns documentos da Igreja têm constatado também este problema da multi-pertença na vida consagrada. Por exemplo, a exortação *Vita Consecrata* nos oferece a seguinte reflexão: "*Nestes anos, muitas pessoas consagradas entraram em movimentos eclesiais, surgidos no nosso tempo. Os interessados diretos geralmente tiram proveito de tais experiências, especialmente ao nível da renovação espiritual. Todavia não se pode negar que, em alguns casos, isso tenha gerado mal estar e desorientação a nível pessoal e comunitário, de forma especial quando estas experiências entram em conflito com as exigências da vida em comum e da espiritualidade do Instituto. Será necessário, pois, cuidar para que a adesão aos movimentos eclesiais se realize no respeito do carisma e disciplina do próprio Instituto, com o consentimento dos Superiores e das Superiores e na plena disponibilidade de acolher as suas decisões*"<sup>10</sup>. Por sua vez o documento *A vida fraterna em comunidade* chama atenção sobre "*O genericismo que constitui um verdadeiro perigo para a vitalidade da comunidade religiosa.*" e de "*um tipo de envolvimento em movimentos eclesiais que expõe alguns religiosos ao fenômeno ambíguo da "dupla identidade"*"<sup>11</sup>.

De acordo com a C. 7a "*as Filhas da Caridade doam-se inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres*". Renovando seus votos "*confirmam seu dom total a Deus na Companhia*" (C. 5a, 40c). Estas duas afirmações das Constituições, nós as encontramos na Exortação *Vita consecrata* "*Quando a Igreja reconhece uma forma de vida consagrada ou um Instituto, garante que, no seu carisma espiritual e apostólico, se encontram todos os requisitos objetivos para alcançar a perfeição evangélica pessoal e comunitária*"<sup>12</sup>. A Companhia e suas Constituições foram reconhecidas e aprovadas pela Igreja. As Filhas da Caridade podem se santificar neste estado de vida sem precisar buscar em outros grupos algo diferente.

Finalmente, nossa cultura atual favorece as adesões parciais e a relação unilateral de determinados elementos do carisma em detrimento de outros, como consequência do subjetivismo no qual estamos envolvidas. A pertença, sem negar o pensamento atual, vai além da contribuição de nossa cultura. A pertença busca a identificação, a adesão total da pessoa concreta com a comunidade local, a Província e a Companhia.

## 5. O Projeto Comunitário (Cf. C. 35a, 83; E. 67)

Fora e dentro da Companhia se fala da necessidade de criar novos estilos de vida comunitária. Digamos que é um tema da atualidade na literatura sobre a vida consagrada. Até agora, não apareceram modelos criados que sejam compatíveis com as exigências que o Direito Universal pede às Sociedades de Vida Apostólica <sup>13</sup>. Caso apareçam, um dia, as Constituições estão abertas a aceitá-los.

Se partirmos de uma análise dos textos renovados, teremos que concluir que, neles, se apresenta uma compreensão da vida fraterna em comunidade de acordo com a tradição secular da Companhia. Por isso apresentam comunidades orientadas para a missão, sustentadas e dinamizadas por motivações de fé, como lugares apropriados de partilha onde cada uma pode oferecer o que é e o que tem, um espaço privilegiado para que a aceitação, a afeição e o perdão mútuo favoreçam o crescimento humano e espiritual de seus membros. Os textos renovados oferecem também meios dinâmicos para expressar e revitalizar a vida espiritual, a missão e a vida fraterna.

Este modelo de comunidade, bem compreendido, não deveria entrar em conflito com a prioridade da missão. É aqui que o Projeto Comunitário encontra sua utilidade. O artigo 35a nos diz: *"Em vista do serviço de Cristo nos pobres, a comunidade local elabora seu Projeto Comunitário"*, antes chamado *"Projeto de vida"*. O Projeto Comunitário é chamado a ser um instrumento que harmoniza e impulsiona as exigências da missão confiada à comunidade com outras dimensões da vocação. A elaboração do Projeto comunitário deve ser feita por toda a comunidade, em atitude de abertura e de receptividade. Todas as Irmãs devem se sentir responsáveis pela missão comum (Cf. C. 83; E. 67). Se considerarmos o critério da inculturação como um dos critérios que inspirou a revisão das Constituições e Estatutos, compreenderemos muito bem, a necessidade do Projeto Comunitário. É um meio para cada comunidade estabelecer concretamente a maneira de encarnar o carisma herdado, de acordo com a cultura própria.

Se o aparecimento das Constituições e Estatutos renovados, suscitaram entre as Irmãs um desejo generalizado de revitalização do carisma, um bom Projeto Comunitário deve canalizar estes bons desejos na prática. Será necessário selecionar os mais urgentes, concretizá-los, motivá-los corretamente, escrevê-los no Projeto e avaliá-los para ver seus efeitos na prática. Já faz alguns anos que as comunidades elaboram seu Projeto Comunitário. Nem sempre os resultados são os esperados e desejados. Mas, como ele continua sendo um instrumento válido e mesmo necessário para revitalizar todas as dimensões da vocação e missão da comunidade, parece que este momento em que nós estudamos as Constituições renovadas é propício para recuperar a vitalidade e a eficácia deste meio.

## 6. "As Irmãs doentes e as Irmãs idosas são parte integrante da missão" (C. 35b)

Em suas conferências e correspondências São Vicente faz freqüentes alusões às Irmãs doentes e idosas. Tudo o que ele lhes diz, podemos resumir nestas duas idéias: as Irmãs idosas, é preciso amá-las e cuidá-las. *"se alguma, em virtude da enfermidade, da idade ou muita fraqueza do corpo, necessitar de maior tratamento, a caridade, que dirige todas as coisas, deve ter isso em vista... quem está doente necessita de cuidados especiais... Minhas Irmãs, é preciso cuidar delas quando a idade e as enfermidades as impossibilitaram; de outro modo, seria uma grande injustiça... A Companhia é uma mãe que sabe distinguir entre os filhos doentes e os que têm saúde"*.<sup>14</sup> E, como uma demonstração da afeição, propõe que as Irmãs de outras casas venham visitar as doentes *"porque é uma grande consolação para elas ver suas Irmãs"* <sup>15</sup>. Em contrapartida, São Vicente pede às Irmãs doentes e idosas que não sejam

exigentes. A lógica que utiliza neste caso é bem vigorosa: *"porque não é justo que as servas dos pobres sejam tratadas melhor do que seus senhores"* <sup>16</sup>. E termina com esta afirmação digna de um filósofo que alcançou altos níveis de sabedoria: *"a idade não se mede pela quantidade de anos, mas pela virtude"* <sup>17</sup>.

Santa Luisa diz coisas semelhantes. Ela escreve muitas cartas às Irmãs Serventes que têm uma Irmã doente ou idosa em suas comunidades. Em suas cartas, ela expressa-lhes sua afeição e preocupação com as Irmãs, ao mesmo tempo recomenda a todas que tratem as Irmãs idosas com doçura e paciência. Ela aproveita a oportunidade para pedir às Irmãs novas que tenham o devido respeito e amem as Irmãs idosas <sup>18</sup>. As Constituições refletem com muita exatidão este interesse e este cuidado dos fundadores pelas Irmãs que, por causa da doença ou da idade, necessitam do cuidado da comunidade (Cf. C. 35b).

As Irmãs idosas são uma bênção para a Companhia e para as Províncias. Elas escreveram um bonito capítulo da história da Companhia. São testemunhas de fidelidade em sua opção vocacional, apesar das provações e dificuldades. O que elas nos ensinam, qual a contribuição que hoje as Irmãs idosas dão às Províncias e à Companhia para que possamos dizer que elas são uma "bênção"?

As Irmãs idosas, com seus problemas de saúde, sua situação delicada, nos falam de uma verdade indiscutível e esquecida: a precariedade da vida e de nossas próprias limitações. E, principalmente, quando nós vemos seus rostos serenos e felizes com que continuam vivendo sua vocação, confirmam-nos a veracidade das palavras de Jesus: *"Quem perde sua vida por mim e pelo Evangelho a encontrará"* (Mc. 8. 35). Em outras palavras: muitas Irmãs idosas confirmam que a vocação vicentina é uma vocação que dá a possibilidade de nos realizar e viver em plenitude a nossa vida humana. Esta carta de São Vicente a Ana Hardemont é a prova disto: *"Ó minha Irmã, o quanto sereis consoladas na hora da morte por terdes consumido vossa vida pela mesma razão à qual Jesus Cristo deu a sua. É pela Caridade, é por Deus, é pelos pobres!"* <sup>19</sup>. A respeito das Irmãs mais novas, as idosas podem ser um verdadeiro apoio na vocação. O documento sobre "a vida fraterna em comunidade" afirma: *"Um religioso idoso, que não se deixa vencer pelos achaques e pelos limites da própria velhice, mas mantém viva a alegria, o amor e a esperança, é um apoio de incalculável valor para os jovens"* <sup>20</sup>.

Como afirma a C. 35b as Irmãs idosas são parte ativa da missão porque prestam uma valiosa colaboração na missão da Igreja e da Companhia. Somente a partir desta colaboração se compreende profundamente o que é a Igreja e a Companhia. Como afirma o documento *A vida fraterna em comunidade: "Sua fecundidade, embora invisível, não é inferior à das comunidades mais ativas. Antes, estas ganham força e fecundidade da oração, do sofrimento e da aparente inutilidade dessas pessoas. A missão tem necessidade de ambas"* <sup>21</sup>. A imagem da instalação elétrica pode nos ajudar a compreender esta verdade profunda: sabemos que há eletricidade em uma casa porque as lâmpadas acendem. Entretanto, para que isto seja possível existe toda uma estrutura escondida de fios elétricos que estão no interior das paredes e que tornam possível a maravilha da eletricidade. Esta rede de fios, que não se vêem mas que desempenham uma função muito necessária, são as Irmãs idosas e doentes que, com suas orações e seus sofrimentos contribuem com a missão das Províncias e da Companhia na Igreja. São Vicente dizia a mesma coisa quando falava dos missionários enfermos nestes termos: *"eles merecem mais por seus sofrimentos do que os outros por seu trabalho"* <sup>22</sup>. Mère Rogé, falando às Irmãs Serventes das comunidades de Irmãs idosas pede-lhes que tentem fazê-las compreender *"que são a parte mais ativa, mais missionária da Companhia. Digo-lhes porque eu acredito; isto é uma verdade para mim"* <sup>23</sup>. A Assembléia Geral de 91 expressou a mesma

convicção: "mobilizemos todas as nossas forças vivas pela MISSÃO: as Irmãs idosas e doentes são nossa FORÇA ORANTE" <sup>24</sup>.

### **III. ALGUMAS QUESTÕES PARA FACILITAR A REFLEXÃO PESSOAL E AS PARTILHAS COMUNITÁRIAS (INTERCOMUNITÁRIAS OU AO PLANO PROVINCIAL)**

- Comparar as Constituições renovadas com as de 1983 e comprovar as mudanças introduzidas nos artigos que correspondem a esta ficha.
- Confrontar sua vida com os textos, onde se encontram suas incoerências e suas contradições?
- Quais são os aspectos que devem tomar cuidado para melhorar a vida de sua comunidade?
- Como revitalizar os diversos intercâmbios Comunitários? (revisões reflexões apostólicas, momentos de partilha da fé, etc.)
- O que significa para você: "a comunidade é o primeiro lugar de pertença"?
- O Projeto Comunitário é compreendido e elaborado de acordo com as orientações dadas pelas Constituições e Estatutos?

### **IV. LEITURAS COMPLEMENTARES PARA APROFUNDAR O CONTEÚDO DESTA 5ª FICHA**

- Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: *A vida fraterna em comunidade*:

- Capítulo II: *A comunidade religiosa, lugar da fraternização* (nº. 11 - 57)

- Capítulo III: *A comunidade, lugar e sujeito da missão* (nº. 58 - 70)

- Padre QUINTANO:

- "*Recriar a vida fraterna em comunidade*" Ecos da Companhia, abril (1999) 138 - 146.

- "*Convicções para recriar a comunidade*", Ecos da Companhia, maio (1999) 169 - 179.

P. Javier ALVAREZ, Diretor Geral  
P. Fernando QUINTANO, cm

### **Notas**

<sup>1</sup> Conferência de 18 de outubro de 1655 sobre o fim da Companhia, p. 546

<sup>2</sup> Continuação da Conferência de 22 de janeiro de 1645 sobre a prática do regulamento, p. 145.

<sup>3</sup> Conferência de 22 de outubro de 1650 às Irmãs enviadas em Província, p 350.

<sup>4</sup> Conferência de 4 de março de 1658 sobre a caridade mútua e o dever de reconciliação; p. 753; Conferência de 30 de maio de 1658 sobre a condescendência e o suporte ; Conferência de 2 de junho de 1658 sobre a cordialidade, respeito, amizades particulares; Conferência sobre a humildade, a caridade, a obediência e a paciência.

<sup>5</sup> Conferência de 31 de julho de 1634 sobre a explicação do Regulamento p. 1.

<sup>6</sup> Vita Consecrata n° 42

<sup>7</sup> Mère Guillemin "Instruções às Irmãs Serventes" tomo 1 p. 196

<sup>8</sup> Assembléia Geral de 1985 "na encruzilhada" p.7

<sup>9</sup> Assembléia Geral de 1991 "Junto ao poço de Jacó" p. 15

<sup>10</sup> *Vita consecrata* n° 56

<sup>11</sup> Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica *A vida fraterna em comunidade "Congregavit nos in unum Christi amor"* n°46

<sup>12</sup> *Vita consecrata* n° 93

<sup>13</sup> Código de Direito Canônico c. 731-746

<sup>14</sup> Conferência de 18 de novembro de 1657 sobre a uniformidade, a castidade e a modéstia, p. 702.

<sup>15</sup> Conferência de 23 de dezembro de 1657 sobre as visitas e o dever de avisar os Superiores.

<sup>16</sup> Conferência de 25 de novembro de 1659 Resumo das regras comuns.

<sup>17</sup> Conferência de 23 de maio de 1655 sobre a obediência.

<sup>18</sup> Cf. Escritos Espirituais p.182, 226, 237, 384, 402, 432, 590...

<sup>19</sup> Coste VII p. 382, Carta de 24 de novembro de 1658.

<sup>20</sup> *A vida fraterna em comunidade "Congregavit nos in unum Christi amor"* n° 68 &3.

<sup>21</sup> *A vida fraterna em comunidade "Congregavit nos in unum Christi amor"* n° 68 &5.

<sup>22</sup> L. Abelly, *A vida do venerável servo de Deus Vicente de Paulo, III*, Paris 1664, 167.

<sup>23</sup> Irmã L. Rogé, "*Somos Filhas da Caridade a vida inteira*" *Ecos da Companhia*, maio 1980 p. 72

<sup>24</sup> Assembléia Geral de 1991, "Junto ao poço de Jacó" p. 14

## **PADRE J. ALVAREZ, DIRETOR GERAL**

### Pistas de reflexão para o retiro mensal

#### A luta de Jacó

Na Sagrada Escritura, há uma passagem misteriosa, exegeticamente obscura, mas cheia de uma força impressionante. Na nossa tradição espiritual do Ocidente, foi uma fonte inesgotável de inspiração. Trata-se do combate de Jacó com o próprio Deus.

Eis o texto :

*"Naquela mesma noite ele se levantou com suas duas mulheres, suas duas servas e seus onze filhos e passou o vau do Jaboc. Tomou-os, e os fez passar a torrente com tudo o que lhe pertencia. Jacó ficou só.*

*E alguém lutava com ele até o romper da aurora. Vendo que não podia vencê-lo, tocou-lhe aquele homem na articulação da coxa e esta deslocou-se, enquanto Jacó lutava com ele. E disse-lhe: "Deixa-me partir, porque a aurora se levanta." "Não te deixarei partir respondeu Jacó, antes que me tenhas abençoado". Ele perguntou-lhe: "Qual é o teu nome?" "Jacó". "Teu nome não será mais Jacó, tornou ele, mas Israel, porque lutaste com Deus e com os homens, e venceste". Jacó perguntou-lhe: "Peço-te que me digas qual é o teu nome". "Por que me perguntas o meu nome?", respondeu ele. E abençoou-o no mesmo lugar.*

*Jacó chamou àquele lugar Fanuel: "porque, disse ele, eu vi a Deus face a face, e conservei a vida". O sol levantava-se no horizonte, quando ele passou Fanuel. E coxeava de uma perna. É por isso que os israelitas, ainda hoje, não comem o nervo da articulação da coxa, porque aquele homem tinha tocado nesse nervo da articulação da coxa de Jacó. (Gen. 32,22-33).*

## I - AS “NOITES” FAZEM PARTE DA VIDA

As "noites" fazem parte da vida de todas as pessoas, não importa qual seja a sua condição e a sua vocação, da vida consagrada também, é claro. O n° 38 da Exortação *Vita Consecrata* vê claramente nesta passagem da luta de Jacó contra Deus, o exemplo típico da pessoa que está: “*em relação com o mistério de Deus... para ter acesso à sua bênção e à sua visão*”.

As situações de "noite" variam muito, e são provocadas por múltiplas razões.

Isto pode ser **um fator externo**, como por exemplo:

- uma nova colocação ou mesmo uma mudança de serviço, tudo isto vivido com muitas dificuldades;
- os frutos raros ou inexistentes na atividade apostólica,
- um fracasso, a solidão, a incompreensão ou a indiferença dos outros, o silêncio de Deus...

Outros **fatores** podem ser **internos**, a doença, a depressão, a tristeza, o cansaço, as crises de fé...

São Vicente fez estas dolorosas experiências. Recordemos, por exemplo, quando ele foi acusado injustamente de roubo pelo Juiz de Sore, ou quando ele foi invadido por dúvidas contra a fé querendo ajudar um capelão ocioso do tribunal da rainha Margot, ou quando enfrentou Mazarino, etc...

Santa Luísa, também, conheceu esta prova: "*Deus quer que eu vá a Ele pelo caminho da cruz; caminho que eu tenho feito desde o meu nascimento*" dizia ela, freqüentemente. Recordemos estes dias de obscuridade antes da véspera de Pentecoste, em 1623...

É bom que cada um tome consciência das suas noites escuras: podem ser raras ou freqüentes, podem surpreender-nos inesperadamente e desaparecer em seguida, ou podem durar longos períodos... cada um é provado de maneira diferente em diversos graus. O que não muda, é que Deus, na noite, é percebido como um adversário. Várias Irmãs já me disseram: "*Luto com Deus há dias, meses*". Isto se une à imagem de Jacó que luta com Deus.

## II - A “NOITE” É NECESSÁRIA

É passagem obrigatória para chegar "à aurora", para receber "um nome novo". As crises são momentos de crescimento, mesmo se são momentos muito duros. Na história da SALVAÇÃO, a noite sempre teve, e continua a ter uma misteriosa fecundidade: da noite dos tempos do Gênesis, surge a luz. Da longa noite de Abraão, lhe vem a bênção. Da noite do êxodo, vem a libertação. A noite de Jacó abre a possibilidade de entrar e fazer entrar outros na Terra Prometida. A noite do Getsémani termina produzindo o fruto da noite da Ressurreição. "*A noite é o tempo da Salvação, diz um hino de Vésperas*".

Nesta noite de provação, a pessoa reforça-se, perseverando diante de Deus, se deixando purificar por Ele (Cf. At. 14,22). Para que dois seres se unam, é sem dúvida necessário que um dentre eles persevere. O combate com Deus reforça o coração de uma pessoa à condição que ela persevere na fé. Cada "noite" pode se tornar ocasião de nos aproximar de Deus e fortificar a nossa vocação de serva.

## III - CONDIÇÕES PARA QUE A “NOITE” SEJA FECUNDA

### A perseverança.

Se Jacó tivesse retornado sobre os seus passos, não teria estado em condição de entrar na Terra Prometida, nem de levar a sua família e introduzir lá as gerações futuras. Ele não

teria recebido novo nome, ou seja, uma nova vocação. Quem não é capaz de suportar a aridez do deserto, não poderá experimentar a ação de Deus.

### **A oração.**

Quando a prova chega, o mais difícil é precisamente perseverar na oração, parece inútil, insípido, sem sentido. Contudo, não esqueçamos que a perseverança pode obter a bênção de Deus. A oração ajuda a reconhecer que Deus não é o objetivo dos nossos desejos, mas aquele que tem a iniciativa e com o qual devemos colaborar. É o que São Vicente exprime quando falava em fazer a vontade de Deus. Quando Deus prova e faz coxear, é melhor segui-Lo coxeando do que correr por caminhos sem saída.

## **IV - CONCLUSÃO**

Nunca ninguém certamente expressou melhor, de maneira tão sistemática, elegante e expressiva, o sentido deste combate do que São Francisco de Sales, o autor do otimismo cristão: “*Se Deus luta conosco - diz ele - é apenas para se entregar a nós e nos abençoar*”. É um grande reconforto saber que a única coisa que Deus deseja é entregar-se a nós. Se às vezes, Ele pode parecer como um inimigo, realmente, ele é o amigo mais cordial que deseja dar a alegria de vencê-lo, de lhe "arrancar" a bênção da fecundidade da vocação. Nossa vida, toda doada a Deus, tem um sentido: Ele nos abençoa.

## **V - PARA A MEDITAÇÃO E A COMUNICAÇÃO**

- Leitura meditativa de Lc. 4,1-13 e/ ou Mt. 26,36-46, e/ ou Escritos de Santa Luísa, "luz" (Escritos Espirituais p.11)

- Na oração, eu apresento a Deus minhas situações complicadas. Peço-lhe a luz, a força, a aceitação...

- Como é que eu reajo em minhas "noites escuras"?

Padre Javier ALVAREZ,  
*Diretor Geral*

## **PADRE RICHARD MC CULLEN**

### **São Vicente de Paulo... Na auto-estrada**

1 - Há quase quarenta anos, uma senhora muito fervorosa - membro da pequena Equipe Vicentina de Dublin - escreveu um livro extremamente interessante sob o título: “O mundo de Vicente de Paulo”. Ela se chamava Mary Purcell, e já havia escrito durante a sua vida, várias boas biografias de Santos - ou de pessoas próximas da santidade. Sendo membro da família Vicentina, muito tempo tinha acariciado a ambição de escrever uma biografia de São Vicente. Ela consagrou muito tempo em estudar seus escritos, e finalmente decidiu descrever em detalhes o contexto da sociedade na qual ele havia vivido com o intuito de

compreendê-lo mais plena e profundamente bem. Fez esta descrição em grandes linhas, e não penetrou nos detalhes mais concretos da psicologia e da espiritualidade de São Vicente. Sua obra, no entanto, trouxe uma contribuição muito válida para a compreensão de nosso Fundador, e o livro, a julgar por sua difusão, revelou-se muito popular no mundo anglofono.

2 - Na introdução de seu livro publicado em 1963, Mary Purcell escreveu estas linhas no momento em que as auto-estradas - pelo menos no meu país - ainda não eram construídas:

*"Se vivesse hoje, usaria certamente a melhor parte das viagens em avião, do telefone intercontinental e de outras invenções modernas, para ajudar a resolver os problemas que assolam a humanidade. Ele estaria na vanguarda dos que tentam fazer face aos problemas globais tais como a reabilitação dos refugiados, as campanhas contra a fome e a ajuda aos países subdesenvolvidos. Ele enviaria Padres para a América Latina, preparando-os para deslizarem-se nos interstícios das cortinas de ferro e de bambu, incentivando os membros do clero africano autóctone a conduzir seus povos pelos caminhos de Deus. Com a sua visão tão clara, seu gênio de organização, sua intensa vida espiritual, ele olharia o nosso mundo como olhava o seu, ele detectaria as necessidades e empregaria os melhores meios para fazer-lhes face".<sup>1</sup>*

Se, há quarenta anos, Vicente de Paulo não teria hesitado em utilizar o avião, não recuaria diante do uso de nossas modernas auto-estradas, mesmo se pudesse mostrar algum medo em saber quem seria o seu motorista nesta ocasião. Depois do que, eu presumo ser uma referência calma à sua devoção pessoal e à sua confiança na Divina Providência, e uma chamada silenciosa ao seu Anjo da Guarda, nós nos colocamos a caminho.

3 - Citando as palavras do Papa João Paulo II na sua Carta Apostólica "Tertio Millennio Adveniente", São Vicente observou:

*"Toda a vida cristã é como uma grande peregrinação para a Casa do Pai, em Quem se descobre todos os dias o amor incondicional por cada criatura humana e, em particular, pelo "filho perdido" (cf. Lc 15, 11-32). Tal peregrinação parte do íntimo da pessoa, alargando-se depois à comunidade crente até alcançar a humanidade inteira".<sup>2</sup>*

Assim fazemos uma peregrinação. Era o nosso objetivo nesta viagem sobre uma das modernas rodovias da França. A expressão: "a humanidade inteira" interpelava intensamente o meu passageiro, porque ele evocava os grandes empreendimentos missionários que tinham sido seus quando estava na terra. Perto do seu coração encontrava-se a missão de Madagascar, e é por isso que exprimia sua preferência para nos orientar rumo ao oeste em direção do porto a partir do qual havia organizado as viagens de seus numerosos missionários enviados à "humanidade inteira".

Foi na saída da cidade de Paris que Vicente de Paulo, tendo uma carta em mãos, pediu-me delicadamente se podia parar para enviá-la quando visse um posto de correio. Disse-me que era uma resposta a um homem - do qual não me deu o nome - que havia passado um curto período em São Lázaro, tinha deixado a Comunidade, mas desejava agora retornar. Citou-me uma passagem da carta:

*“Eu não tenho dificuldade em crer que você continua gostando da nossa companhia e apreciando seus trabalhos; sua conduta passada me convence plenamente disto. Respeito também o sentimento do religioso que lhe disse que seria tentação se, pelas dificuldades que tem na oração, desistisse de ser missionário; pois é verdade que, em todas as comunidades, há pessoas, e muitas vezes as melhores, que não podem aplicar-se à meditação, se servem da imaginação ou do raciocínio, porque isto os incomoda. Mas o bem-aventurado Bispo de Genebra ensinou às suas religiosas, outro tipo de oração, que mesmo os doentes podem fazer: consiste em colocar-se tranqüilamente diante de Deus e expor-lhe suas necessidades, sem outra aplicação de espírito, como um pobre que descobre suas úlceras e que, desta maneira, excita mais os transeuntes a fazer-lhe o bem que machucou a cabeça à força para persuadi-los de sua necessidade. Assim pois, se faz uma boa meditação colocando-se na presença de Deus, sem nenhum esforço do entendimento nem da vontade; e de acordo com isto, farás bem em escutar Deus a respeito deste movimento que sente de retornar. Gostaria apenas de saber como se encontra com as pregações e catecismos que fazes e as confissões que atendes; se não ficas incomodado, é um bom sinal. Peça a Deus, por favor, Padre, que lhe indique o que deseja de você; faça alguma devoção com este fim e procure colocar-se na maior indiferença que puder, a fim de estar mais disposto para seguir sua atração e sua vontade numa ação tão importante; depois da festa de Nossa Senhora da Assunção em agosto próximo, comunique-me com que disposição se encontra, para que reflitamos se convém para você e para a companhia que retornes...”*<sup>3</sup>

5 – Conforme pude constatar, as observações que fez o Padre Vicente na carta eram, simples, diretas e práticas. A oração, para ele, era em primeiro lugar um dom de Deus: *“Por isso, eu vos declaro... Ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor, senão sob a ação do Espírito Santo”*<sup>4</sup>. Visto que a oração é um dom de Deus, é necessário cultivar uma atitude de atração para com o Senhor, à qual o salmista freqüentemente faz referência: *“Minha alma espera o Senhor, eu O espero e espero sua palavra”*<sup>5</sup> Melhor ainda, como o paralítico do Evangelho de São João, devemos esperar o movimento do Espírito Santo. Poderíamos nos perguntar se esta convicção não era a base da devoção sensível e profunda do Padre Vicente em seguir, antes que antecipar a Divina Providência? Estender-se e esforçar-se poderia ser um enfoque muito humano para estabelecer o diálogo com o Verbo de Deus Encarnado. Sem dúvida alguma, há condições que dependem de nós para que a água vinda do Espírito Santo se agite. Devemos, por assim dizer, nos colocar junto da fonte das águas de Deus que curam - e assim, São Vicente insistirá sobre a importância de lembrar a presença de Deus no início de um tempo de oração ou de meditação. Daí o conselho tão fundamental e prático dado ao padre de *“manter-se na presença de Deus sem nenhum esforço de entendimento nem da vontade”*. É um assunto que Vicente teve o hábito de evocar em várias ocasiões quando, durante as suas conferências às primeiras Irmãs, ele as iniciava na prática da oração mental. E, para facilitar esta consciência da presença amorosa de Deus no início da meditação, as Irmãs eram freqüentemente convidadas a desenvolver o hábito de deixar seu espírito se repousar em Deus em diferentes momentos do dia. Quando chegasse o tempo da meditação, poderiam se concentrar e abrir seus corações ao Senhor.

*“...primeiramente pôr-se na presença de Deus, considerando como está nos céus, sentado sobre o trono da sua Majestade, onde tem os olhos sobre nós e contempla todas as coisas; quer seja em sua imensidade, presente por toda parte, aqui e noutra lugar, no mais alto dos céus e nos mais baixos abismos, vendo nossos corações e penetrando até ao mais secreto da nossa consciência; quer na sua presença no Santíssimo Sacramento do altar: Ó Salvador, eis-me aqui, fraco e miserável pecador, eis-me ao pé do altar onde descansais, Ó Salvador, que eu não faça nada de indigno desta santa presença; seja enfim em nós mesmos,*

*penetrando-nos inteiramente e habitando no fundo de nossos corações.... É muito importante assimilar bem este ponto, pôr-se devidamente na presença de Deus, porque disto depende todo o corpo da oração; feito isto, o resto vai por si mesmo. Roguemos a Deus para nos dar sua graça, para que possamos tratar devidamente com a sua divina Majestade, reconhecendo que por nós mesmos não podemos nada, o conjurando pedindo pelo seu grande amor para conosco, por seus méritos infinitos, pela intercessão da Santíssima Virgem e dos Santos”<sup>6</sup>.*

Tudo isto devia ser feito com calma, sem precipitação, *"para se manter na presença de Deus sem, no entanto, fazer um tão grande esforço, pois o excesso é sempre prejudicial"*. Fazer o esforço para se manter na presença de Deus era, com efeito, tentar disciplinar o que Santa Tereza d'Ávila gostava de chamar "a louca da casa" (a imaginação), que por sua vez, São Vicente descrevia como *"vagabunda e veloz"*<sup>7</sup>.

6 - Talvez seja porque a imaginação é vagabunda e veloz que São Vicente tanto insistiu na necessidade de seguir um método de oração. É necessário também notar que, para ele, a oração era uma disciplina que devia estar de acordo com uma forma de disciplina estendendo-se ao todo da vida fora da oração. Invocava a autoridade dos autores espirituais para dizer que a mortificação interior e exterior dos sentidos era necessária se quiséssemos progredir no caminho da oração <sup>8</sup>.

7 - Seguir um método na oração mental supõe uma medida de disciplina, e o método de oração que Vicente recomendava explicitamente às suas comunidades era a que São Francisco de Sales propõe em seu livro "Introdução à vida devota". São Vicente insistia neste método quando falava da oração. Sem dúvida ele tratou esta questão com tanta freqüência que quase parece se justificar quando, durante a sua conferência às Irmãs no dia 17 de novembro de 1658, faz alusão à importância do método de oração:

*"Sabeis a maneira de fazê-la, visto que a tendes ouvido muitas vezes e aprendido de cor; e talvez não seja preciso apontar o método de S. Francisco de Sales; no entanto, como é o mais fácil, vou dizer-vos"* <sup>9</sup>

8 – Neste momento, tínhamos parado no pedágio da auto-estrada, e enquanto explicava ao meu passageiro que era preciso pagar para utilizar a rodovia e que, às vezes isto poderia custar caro, sobretudo se tivéssemos que percorrer uma longa distância, ele fez esta reflexão que era a mesma coisa para penetrar no Mistério de Deus pelo caminho da oração:

*"Eu pensava dentro de mim mesmo por que motivo alguns fazem tão pouco progresso neste santo exercício da meditação. Temo que a causa deste mal consista em não praticar bastante a mortificação, e em dar demasiada liberdade aos seus sentidos. Si lemos o que os mais hábeis mestres da vida espiritual deixaram por escrito sobre a oração, veremos que todos unanimemente disseram que a prática da mortificação é absolutamente necessária para fazer bem suas orações, e que, para se dispor bem a ela, outros sentidos exteriores, mas também as faculdades da sua alma, o entendimento, a memória e a vontade; por este meio, a mortificação disporá em fazer bem a oração, e reciprocamente a oração ajudará a praticar bem a mortificação"*. <sup>10</sup>

9 - Os métodos de oração, no entanto, não são oração, e aderir servilmente a um método específico, enquanto que a vontade já está orientada para a ação, seria forçar o Espírito Santo. O Padre Vicente tinha observado que eu não havia parado o

motor do automóvel pegando o meu bilhete para pagar o pedágio. É, parece-me, o que lhe sugere esta comparação a respeito da vida de oração:

*“Quando se quer ter fogo, serve-se de um fuzil; bate-se, e logo que o fogo toma a matéria disposta, acende-se a vela; e este se tornaria ridículo que, acendendo sua vela, continuasse a bater o fuzil. Do mesmo modo, quando uma alma está bastante iluminada pelas considerações, que necessidade tem de procurar outras e bater e rebater nosso espírito para multiplicar as razões e os pensamentos? Não vêem que é perder tempo e que é necessário então se aplicar e inflamar a vontade e excitar suas afeições pela beleza da virtude e pela feiúra do vício contrário? O que não é mal estar, visto que a vontade segue a luz do entendimento e se concentra no que lhe é proposto como bom e desejável”.*<sup>11</sup>

10 - Como deixávamos o pedágio, a multiplicidade dos sinais rodoviários excitou a curiosidade do Padre Vicente. Ele perguntou o significado dos números que se encontravam nos painéis ao longo da estrada, e, como estávamos numa rodovia francesa - a simples palavrinha RECORDAÇÃO às vezes era acrescentada ao número. Expliquei-lhe que os números indicavam os limites de velocidade que cada um devia observar nos diferentes trechos da rodovia - e que muitos motoristas tinham necessidade de ter bem na memória. Daí a palavrinha RECORDAÇÃO. Quando dois ou três automóveis nos ultrapassavam excedendo os limites de velocidade, Padre Vicente começava a refletir sobre a rapidez com a qual a vida parecia transcorrer no nosso século; ele observou que as pessoas pareciam se precipitar em todas as direções e estavam sempre apressadas. Se é assim para os assuntos comerciais, Padre Vicente estava convencido que, no trabalho em vista do Reino de Deus, a pressa e a atividade febril deviam ser consideradas como forças hostis.

*“Muitas vezes estraga-se as boas obras por ir muito rápido, porque se age de acordo com as suas inclinações, que dominam o espírito e a razão, e fazem pensar que o bem que se vê como possível é praticável e oportuno; o que na realidade não é; logo, o que se pode fazer é reconhecer que se fracassou. O bem que Deus quer se realiza quase por si mesmo, sem que se pense nele; foi, assim que a nossa congregação nasceu, que os exercícios das missões e dos ordinandos começaram, que a Companhia das Filhas da Caridade foi fundada, que as das senhoras para a assistência dos pobres do Hospital de Paris e dos pacientes das Paróquias se estabeleceram, que se tomou cuidado das crianças abandonadas e que enfim como todas as obras que estão sob a nossa responsabilidade nasceram. E nenhuma destas obras foi empreendida por nosso próprio desejo e seguindo nossos planos; mas Deus, que desejava ser servido nestas ocasiões, as suscitou Ele mesmo quase sem nos darmos conta e se serviu de nós, no entanto, nós não sabíamos onde íamos chegar. Por isso que o deixamos fazer, longe de nos apressar no progresso, nem no início destas obras. Meu Deus! Padre, eu desejo que modere seu ardor - (Eu penso que ele acabava de lançar um olhar sobre o meu contador, e eu reduzi a velocidade) e que pese maduramente as coisas com o peso do santuário antes de resolvê-las! Seja antes sofredor que ativo; e assim Deus fará por vocês sozinho o que todos os homens juntos não saberiam fazer sem Ele”.*<sup>12</sup>

11 - "Pesar com maturidade as coisas com o peso do santuário", é certamente um comentário muito revelador da prática do próprio São Vicente - e se tal era a sua prática, nós podemos olhá-la como uma das pedras fundamentais, não somente sua vida de oração, mas também sua espiritualidade, ou seja, sua devoção em seguir passo a passo a direção indicada pela Divina Providência. Para São Vicente, a Encarnação situou-se na plenitude dos tempos, e visto que Cristo Ressuscitado está sempre conosco e que a Encarnação continua hoje em nós e por nós - haverá sempre

esta misteriosa plenitude dos tempos – o kairós de Deus deve ser respeitado em tudo o que se refere à vinda do Reino de Deus e nossa colaboração com Ele. Onde o princípio recordado ao Senhor Blatiron em Roma (o Senhor Blatiron tinha tendência a agir primeiro e em seguida refletir):

*"As obras de Deus têm o seu momento; sua Providência o faz por hora, e nem mais cedo nem mais tarde. O Filho de Deus via a perda das almas, e, no entanto, Ele não previu a hora que havia ordenado para a sua vinda. Aguardemos com paciência e ajamos, e, por assim dizer, apliquemo-nos lentamente na solução de um dos maiores assuntos que a congregação nunca terá..."*<sup>13</sup>

12 - Havia começado a chover muito forte, e a visibilidade na estrada havia se reduzido consideravelmente, então coloquei os pára-brisas. Isto levou Padre Vicente a falar da necessidade da visão na vida, e particularmente da aquisição da visão de Cristo. Também a oração realiza de certa maneira, uma função semelhante à que realizavam naquele momento para nós os pára-brisas, enquanto nós rodávamos na auto-estrada inundada de chuva. Porque, na ordem espiritual, a possibilidade de ver depende da Fé, e porque Nosso Senhor nos assegurou que os corações puros verão a Deus. Padre Vicente encontrava na virtude da simplicidade evangélica um meio para conservar a faculdade de uma clara visão espiritual, da mesma maneira que os pára-brisas permitiam ao motorista ver claramente a estrada na frente dele; Nas três famosas conferências sobre o espírito da Companhia, a virtude de simplicidade é mencionada pelo menos a mesma quantidade de vezes que a virtude da caridade. Assim como, as virtudes da caridade e da humildade, a simplicidade deve ser pedida cada dia na oração:

*"Minhas Irmãs, recomendo-vos duas coisas: a primeira, todos os dias pedi-la a Deus na oração da manhã, na santa missa, ao meio-dia, ao longo do dia, notadamente no início das principais ações, dizendo-vos a vós mesmas: Faço esta ação por caridade, por amor de Deus? Não é por humor, por vã complacência?"*

*Por exemplo, venho aqui dizer as minhas faltas à Senhora Le Gras; tenho bastante humildade para isto? Sou simples? Se uso de equívoco, se digo as coisas diferente do que são, não tenho simplicidade".*<sup>14</sup>

13 - Não é difícil ver a importância da simplicidade evangélica na vida de uma Filha da Caridade. A São Vicente foi dado o carisma de ver, nos corpos feridos e os espíritos perturbados dos Pobres, os traços e a Pessoa de Jesus Cristo implorando o nosso serviço, e isto por muito mais que um copo de água fria. Para os que foram chamados a partilhar este carisma com ele, a pureza de coração e de intenção tem uma importância fundamental. O escritor francês Georges Bernanos dizia uma vez: "Peça a única coisa a qual tenha necessidade: uma estrela e um coração puro". Vicente de Paulo, pode-se pensar, passou muito tempo pedindo na oração a pureza do coração ou, de acordo com sua terminologia própria, a simplicidade evangélica - e olha a Estrela que é a Luz do mundo. E mais, ele chegou a ver a Estrela da humanidade de Cristo, mais ele pôde tornar efetiva e contínua a presença e o poder da Encarnação entre os Pobres.

*"Se Elias, com o seu duplo espírito, fazia tantas maravilhas, o que não fará a pessoa que tem Deus em si, que está cheio de Deus! Ela não fará suas ações, ela fará as ações de Jesus Cristo, servirá os pacientes com a caridade de Jesus Cristo, ela terá em sua conversação a doçura de Jesus Cristo, ela terá em suas contradições a paciência de Jesus*

*Cristo; terá a obediência de Jesus Cristo. Resumindo, minhas Filhas, todas as suas ações não serão que de ações de uma criatura pura, serão as ações de Jesus Cristo”.*<sup>15</sup>

Estas poucas linhas nos revelam a visão que o Padre Vicente tinha da oração, e os efeitos que ele esperava dela em sua vida.

14 – Nós havíamos saído da auto-estrada, e tínhamos de chegar no início de um destes cruzamentos complicados que são um dos elementos das nossas grandes estradas modernas. Havia uma múltipla opção de caminhos. Pouco seguro da saída da encruzilhada, fiz duas vezes a volta. Penso que o meu passageiro ficou um pouco surpreendido e pensado que tínhamos perdido o sentido da direção a tomar - numa palavra, que estava indeciso. Apesar de tudo, Vicente continuou falando, dizendo que a oração não era somente o fato de se colocar na presença de Deus. Devia-se amar o Senhor com a força dos seus braços e o suor da sua frente. Deus, se se pode assim dizer, não deve ser amado em uma vitrine. De outro modo, continua-se a girar em volta da oração como em redor de um cruzamento, não chegando à parte alguma. Daí a importância das resoluções, acrescentou ele (neste momento, eu havia encontrado a boa saída). É um ponto sobre o qual ele havia insistido sempre quando falava da oração a suas comunidades, e era certamente a sua prática pessoal.

*Vossas resoluções devem, por conseguinte ser assim: "Irei servir os pobres; tentarei ir de uma maneira modesta, alegre para consolá-los e edificá-los; eu falar-lhes-ei como aos meus senhores. E os que me falam raramente; sofrê-lo-ei. Eu tinha o costume de contristar a minha Irmã tal ou tal ocasião; eu me absterei disto. Ela me dá o descontentamento às vezes a este respeito: eu a suportarei. Tal senhora me repreende, uma outra me ralha; tentarei não, omitir o meu dever e render-lhe o respeito e a honra à qual sou obrigado. Quando estou com tal pessoa, recebo quase sempre algum prejuízo para a minha perfeição; evitarei, tanto quanto possível, a ocasião. É assim, que me parece, minhas Filhas, que devem fazer suas orações. Este método não lhes parece útil e fácil?"*<sup>16</sup>

15 - Estávamos agora no subúrbio de Nantes, e o Padre Vicente pôs-se a falar da experiência de São Paulo quando se aproximava da cidade de Damasco, há tantos séculos! A festa da Conversão de São Paulo tinha sido para ele durante décadas, um dia de devoção especial. Talvez porque Nantes havia sido o porto de onde muitos Missionários haviam embarcado para Madagascar e onde as Irmãs também tinham um hospital estabelecido pela Senhora Le Gras e ele próprio, que uma associação de idéias o conduziu a falar de conversão e de missão. Nantes, para Vicente de Paulo, evocava a missão, e, para ser um autêntico Missionário de Jesus, precisava-se de uma conversão contínua - conversão como a de São Paulo quando caiu do cavalo na estrada, banhado por uma luz que não era deste mundo. Para uma conversão permanente, necessita-se de uma visão permanente de Jesus Cristo amando intensamente os Pobres.

16 - A MISSÃO: uma das palavras favoritas de São Vicente. Ele havia colocado esta palavra no centro da Comunidade que o Espírito de Deus havia suscitado, de uma forma tão misteriosa, através dele. Seus Padres deviam estar sempre em missão, por toda parte onde a Divina Providência os conduzisse. Ele havia unido a palavra "missão" com a palavra "pobres". Os membros de sua Congregação deviam estar sempre na estrada que os conduzia aos pobres, levando em seus corações os sofrimentos destes ao mesmo tempo que as palavras de ânimo e o serviço prático que o Senhor crucificado e ressuscitado lhes havia confiado.

17 - Fazendo alusão ao Encontro dos Cardeais que havia se realizado em Roma em maio passado, o Padre Vicente declarou que havia ficado impressionado pelas referências que o Cardeal Etchegaray (quase o seu vizinho, acrescentou, ele das Landes, região da França que lhe era familiar) havia feito na intervenção de abertura desta reunião: “A Igreja de Jesus Cristo foi chamada, observava o Cardeal, a dar testemunho da pobreza cristã e a passar do ser uma Igreja para pobres a ser uma Igreja inteiramente pobre”. “É talvez, continuou o Cardeal, a questão mais provocante e mais urgente para a evangelização do mundo no novo milênio. Somente uma Igreja que é pobre pode converter-se numa Igreja missionária”.

18 – Vicente de Paulo continuou dizendo que ele havia ficado igualmente impressionado pelas freqüentes referências feitas pelos Cardeais sobre a urgência e a importância da santidade pessoal em todo programa de evangelização hoje. O Cardeal checo Tomko falou da importância do que ele chamava "a globalização da santidade", enquanto o Cardeal de Cuba propôs “um programa pastoral de santidade”. Tudo isto, diz Padre Vicente, evocava para ele o que ele havia, no fim da sua vida, repetido aos seus missionários, bem como antes tantas vezes às duas Comunidades: a necessidade "de trabalhar na sua própria perfeição, fazendo todo o possível para praticar as virtudes que o Soberano Mestre se dignou a ensinar-nos, em palavra e exemplo” <sup>17</sup>

19 - Isto lhe havia trazido a memória o que ele havia dito às Irmãs na festa da Conversão de São Paulo em janeiro de 1643:

*“...Não vos preocupeis com o futuro; fazei as vossas despesas durante todo o ano como de costume e, se vos sobrar alguma coisa, trazei-a para Casa, para ajudar a formar Irmãs para servir os pobres. Não tendes direito senão a alimentar-vos e a vestir-vos; o que sobra pertence ao serviço dos pobres. Ó minhas Filhas, já ouvistes alguma vez dizer que Deus escolheu os pobres para os fazer ricos na fé? ....Quem sabe, minhas Filhas, digo eu, se Deus, chamando-vos para Sua glória ao serviço dos pobres, não terá querido, na sua bondade, experimentar a vossa fidelidade, mostrando o seguinte: que Deus escolheu os pobres para os tornar ricos em fé? .... Ó minhas Filhas, se sois verdadeiramente pobres, sois ainda mais verdadeiramente ricas, pois Deus é o vosso tudo. Confiai n’Ele, minhas queridas Irmãs. Quem jamais ouviu dizer que os que confiaram nas promessas de Deus tivessem sido enganados? Isto nunca se viu, nem se verá jamais. Sim, minhas Filhas, Deus é fiel nas Suas promessas, e devemos confiar nelas, e esta confiança é toda a riqueza das Filhas da Caridade e a sua garantia. Como sereis felizes, minhas Filhas, se esta confiança nunca vos faltar”.* <sup>18</sup>

20 – “Para servir os pobres..., para servir os pobres... para servir os pobres”. O Senhor Vicente repetia esta frase, porque atravessávamos um dos bairros mais pobres da cidade de Nantes, onde ele rapidamente tinha observado, nas ruas, o número de refugiados africanos ou asiáticos. Ele recordava-se então das palavras de incentivo que uma vez tinha escrito à Irmã Anne Hardemont:

*“É por caridade, é por Deus, é pelos pobres. Se conheceis a vossa felicidade, minha Irmã, ficarias cheia de alegria; porque, fazendo o que fazeis, cumpris a lei e os profetas, que nos pedem para amar a Deus de todo nosso coração, e o nosso próximo como a nós mesmos. E que grande ato de amor se pode fazer que dar-se a si mesmo, de estado e de ofício, pela salvação e alívio dos aflitos? Aí está toda a nossa perfeição. Resta unir a afeição à ação e conformar-se com a vontade de Deus, fazendo e sofrendo todas as*

*coisas pelas mesmas intenções que Nosso Senhor fez e sofreu igual. Rogo-lhe que nos conceda a todos esta graça”.*<sup>19</sup>

21 - Como a circulação nesta hora da noite ficava mais densa e exigia mais concentração, o meu passageiro se calou, sem dúvida ao meu ver, por respeito pelo seu motorista. Lançando-lhe um olhar ocasionalmente, notei que os seus lábios balbuciavam uma oração silenciosa. Mas, não sei se suas orações eram pelos pobres sofredores que ele havia observado nas ruas e levava agora em seu coração, ou se ele suplicava a Deus para que o seu motorista não tomasse nenhum risco imprudente nas mudanças de sinais, eu não sei de nada. Ao final, chego a conclusão que este homem de coração grande que foi São Vicente havia certamente encontrado lugar para as duas intenções – e mesmo para muitas, muitas mais ...

22 - No silêncio que reinava entre nós dois, no carro - enquanto a circulação rugia fora, senti que era o momento de me lembrar da presença de Deus, com a mesma convicção de D. Helder Câmara de que nós, seres humanos, podemos nos esgotar totalmente falando, que não sabemos, mas escutar o silêncio de Deus.

Pe. Richard Mc CULLEN, cm

#### **Notas**

<sup>1</sup> “O Mundo de Vicente de Paulo” p. 14 - Dublin 1963

<sup>2</sup> N° 49

<sup>3</sup> São Vicente de Paulo, Coste IV, 390-391

<sup>4</sup> 1Cor.12, 3

<sup>5</sup> Salmo 129

<sup>6</sup> São Vicente de Paulo, Coste XI, 404-405

<sup>7</sup> Ibid 404

<sup>8</sup> Ibid 90-91

<sup>9</sup> São Vicente de Paulo, Coste X, 586-587

<sup>10</sup> São Vicente de Paulo, Coste XI, 72

<sup>11</sup> Ibid 406

<sup>12</sup> São Vicente de Paulo, Coste IV, 122-123

<sup>13</sup> São Vicente de Paulo, Coste V, 396

<sup>14</sup> São Vicente de Paulo, Coste IX, 596-597

<sup>15</sup> São Vicente de Paulo, Coste IX, 332-333

<sup>16</sup> São Vicente de Paulo, Coste IX, 30

<sup>17</sup> Regras comuns da Congregação da Missão

<sup>18</sup> São Vicente de Paulo, Conferência, p. 57-58

<sup>19</sup> São Vicente de Paulo, Coste VII, 382-383

### **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Províncias da América Latina e do Caribe

Encontro de “Formadoras e Diretores Provinciais”

México, 26 de junho – 6 de julho de 2005

*“Formadas por tuas mãos”*

De 26 de junho a 6 de julho de 2005, no México, terra de Nossa Senhora de Guadalupe, se realizou o encontro de **59 Irmãs responsáveis pela formação e 15 Diretores**

**provinciais da América Latina e das Antilhas.** Conscientes da importância da formação, eles refletiram juntos sobre o futuro desta missão para o "continente da esperança" no contexto de hoje. Depois de terem partilhado experiências, fixaram-se os objetivos.

A presença dos Superiores, Mère Evelyne Franc, Padre Gregory Gay, Padre Javier Alvarez e Irmã Blanca Libia Tamayo, mostrou o interesse deles pela formação e manifestou os laços que nos unem com o todo da Companhia no mundo.

### **CERIMÔNIA DE ABERTURA**

A cerimônia de abertura do encontro se desenvolveu em volta de um poço, lembrando do poço de Jacó.

*"Em nome do Pai"* o Criador que, agora, continua a sua obra em cada pessoa.

*"Em nome do Filho"* que acompanha e forma os seus discípulos com respeito, dedicação e confiança.

*"E do Espírito Santo"* que nos inspira e habita os nossos corações.

Além dos ícones escolhidos por ocasião do Congresso internacional da vida consagrada, retivemos os sinais para ilustrar dois textos: o Evangelho da Samaritana e o do bom Samaritano. Em primeiro lugar, tiramos um pouco de água do poço e fomos em procissão nos questionando: "o que nos diria a Samaritana hoje?" Em seguida, recebemos, no jardim da Virgem Guardiã, o necessário para tratar as feridas, seguindo o exemplo do bom Samaritano. A procissão se dirigiu para o lugar do Encontro, e continuamos a refletir na missão da formação: "deixemos ressoar em nós a causa do homem que é também a causa de Deus, e formemos um corpo unido para estar a serviço de um mundo ferido".

Chegando na sala de reunião, acendemos nossas velas no círio pascal e entoamos o *Veni Creator*. Notre Mère Evelyne procedeu a abertura oficial, colocando-o nas mãos de Deus e de Nossa Senhora de Guadalupe. Acrescentou que as mártires de Arras, cuja festa celebrava-se neste dia, deviam estar felizes e nos sorriam do céu. Em seguida ela procedeu a abertura oficial.

### **OBJETIVOS DO ENCONTRO**

Irmã Blanca Libia apresentou os objetivos do encontro à luz das Constituições renovadas:

- unificar os critérios e propor mudanças audaciosas para a formação
- assumir, enfrentar os desafios de hoje na América Latina e dar-lhe uma resposta adequada.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Partilhar e escutar as experiências no campo da formação.
- Reforçar a idéia que a tarefa da formação é vital para o futuro.
- Refletir e buscar temas que possam nos unir no trabalho de formação.

Após a primeira Eucaristia presidida pelo Padre Alvarez, nós nos sentimos preparadas para enfrentar, com esperança, os desafios da formação. Esta formação renovada que, através das angústias e sofrimentos dos Pobres, através da realidade dos jovens de hoje na América Latina e nas Antilhas, nos interpela e nos engaja a ir ao mais profundo, mais alto e mais além. À escuta do Espírito, na reflexão pessoal, nos trabalhos de grupo, nas exposições das experiências, prosseguimos num clima de oração e de partilhas fraternas.

## TEMAS ABORDADOS

- **A identidade e o caráter secular da Companhia**, apresentados pelo Padre Javier Alvarez, Diretor Geral, o que é a Companhia a partir das Constituições, da Igreja e do mundo no qual vivemos? Em que isto deve se manifestar? Como devemos viver nosso encontro com Deus, nossa vida fraterna, nosso serviço dos Pobres nossa abertura e nossa colaboração com os leigos?

- **O sentido de pertença e de Comunidade fraterna**, apresentados por Mère Evelyne Franc. Na sociedade civil e na Igreja, existem vários tipos de pertença. Como Filhas da Caridade, pertencemos à Companhia de acordo com o carisma dos Fundadores, participamos na missão da Igreja, com um espírito específico que caracteriza o nosso ser de serva. A pertença dá força às motivações, dinamiza a vocação, reforça a fidelidade das Irmãs e desperta vocações. Facilita a participação e a co-responsabilidade na vida comunitária.

- **Os elementos essenciais da formação**, propostos pelo Padre Aaron Gutiérrez, Diretor Provincial do México. Em que consiste a formação que propomos? Está de acordo com as necessidades da pessoa e o momento histórico que nós vivemos? Quais são os elementos essenciais e os que são secundários? Geralmente, os jovens não são numerosos. Às vezes, tentamos fazer entrar jovens em nosso estilo de vida para o qual elas não estão ainda suficientemente preparadas.

- **Agentes de formação, tarefa coletiva**, apresentada por Irmã Blanca Libia Tamayo. A formação é obra de toda Companhia, toda Província. As formadoras agem como delegadas da Visitadora e de seu Conselho. Um dos papéis principais do Diretor é o de colaborar na tarefa da formação.... A Companhia dá muita importância à formação inicial e permanente para consolidar as motivações e o dinamismo da vocação. Jesus é o modelo perfeito do formador. Maria é um exemplo vivo para toda formadora. Temos também uma herança pedagógica muito importante no campo da formação: São Vicente foi um grande formador, Santa Luísa era uma excelente pedagoga.

- **Vida consagrada e afetividade**, apresentadas pelo Irmão Alejandro Gonzalez, Marista. O valor evangélico da virgindade consagrada, a afetividade humana, a sua natureza e como compreendê-la a fim de dar uma base para a vida consagrada. Como fazer face às possíveis causas das dificuldades para viver uma virgindade consagrada feliz?

- **Sexualidade, Afetividade e castidade consagrada**, apresentada pela Irmã Giraldo de Cali, Colômbia. Primeiro, ela fez sua exposição às Irmãs e depois aos Padres. Como é que nós ressentimos e vivemos a nossa castidade? Quando se fala deste assunto, sempre não o fazemos de maneira satisfatória. Com as jovens, é necessário facilitar a comunicação para que elas possam abrir-se sobre este assunto. Preferindo serem acompanhadas por mulheres, este assunto lhes deve ser apresentado respeitando a pessoa e a verdade.

- **Acompanhamento espiritual e discernimento**, apresentados pelo Padre Gerardo Cortés, sj. Traçando as grandes linhas do tema, ele completa o panorama da realidade da juventude. Apresenta as tentações e os perigos na formação, critérios de discernimento para as diferentes etapas da vocação, algumas balizas para o acompanhamento espiritual, pontos fortes do acompanhamento psicológico, histórico e espiritual. Ele nos fez fazer um exercício prático sobre a nossa maneira de acompanhar.

- **As características dos jovens de hoje**, apresentados por três Irmãs do México e da América Central.

Em seguida, fomos introduzidas no trabalho de **síntese** da partilha das experiências formadoras das diferentes Províncias.

No dia 29 de junho, os dois grandes pilares da Igreja, Pedro e Paulo, nos impelem a “avançar ao largo” e iluminam a nossa vocação cristã e vicentina.

Nosso intenso trabalho foi marcado por um tempo de peregrinação a Nossa Senhora de Guadalupe, uma visita das pirâmides de Teotihuacan, e um rico e variado folclore, proveniente de diversas regiões que vão do Rio Bravo até a Patagônia, que animou nossos momentos de descontração, ao longo de toda a Sessão. Levamos como recordação um pequeno chapéu mexicano confeccionado pelos pacientes do hospital de Tepexpan. Apreciamos as boas refeições preparadas pelos jovens em dificuldade do Centro de reeducação Cotelengo de Merida, Yucatan. Beneficiamos de um acolhimento e de um serviço fraterno que se traduzia em muitos detalhes.

### **AS CONCLUSÕES DA SESSÃO**

Finalmente, as conclusões (não é um documento jurídico) recolheram o que escutamos para poder levá-las para as nossas Províncias e colocá-las na prática da maneira mais adequada.

#### **Para nos enraizar em Jesus Cristo**

- Desenvolvamos uma vida espiritual sólida, encarnada na realidade, centrada na pessoa de Jesus Cristo como Adorador do Pai, Servo de seus desígnios de amor e Evangelizador dos pobres.
- Reforcemos o sentido eclesial e ecumênico de todas as etapas, e assimilemos a espiritualidade de comunhão.
- Fortifiquemos a nossa pertença à Companhia, o nosso ser de serva a partir de uma releitura do carisma vicentino.
- Intensifiquemos a espiritualidade marial e o zelo missionário.

#### **Para voar mais alto**

- Organizemos uma formação integral para cada etapa e incentivemos uma vida fraterna baseada sobre valores humanos, cristãos e vicentinos.
- Ofereçamos uma formação que favoreça a unidade de vida, a fidelidade e a alegria da vocação evitando o ativismo.
- Proponhamos um acompanhamento personalizado para educar ao discernimento e ao sentido crítico.
- Construamos comunidades formadoras que acolham e fortifiquem a vocação das jovens Irmãs.

#### **Para ir além:**

- Revisemos, atualizemos e avaliemos os planos de formação à luz das novas Constituições, do Guia de formação, e da realidade das culturas.

- Reforcemos a Comissão de formação com uma formação própria para os seus membros.
- Dinamizemos a formação das Irmãs Serventes, das Formadoras e das Irmãs que acompanham as pessoas em busca da vocação. Incentivemos a cultura da auto-formação.
- Partilhemos os recursos humanos de cada Província e organizemos, se possível, uma equipe interprovincial de formação para as Províncias que a pedem.
- Revitalizemos as equipes de Pastoral Vocacional, mobilizando a Província toda.
- Incentivemos a criação de Seminários interprovinciais para as Províncias que têm características comuns, de acordo com as necessidades.

Queremos dizer sim à docilidade do Espírito Santo e à pertença à Companhia. Queremos cultivar em nós uma atitude de serva. Queremos um acompanhamento próximo e firme, baseado numa escuta atenta e reta conosco mesmas, os Superiores e as jovens em formação. Queremos nos esforçar para corrigir sem medo, com doçura e suscitar convicções profundas.

## FOTO

Por último, o Padre Alvarez e Irmã Blanca Libia nos indicaram alguns pontos de insistência elaborados pelo Conselho Geral para os Planos de Formação.

Após a Eucaristia de encerramento, voltamos com o desejo de viver a formação com entusiasmo. Esta missão é um dom de Deus a ser acolhida e uma tarefa a ser realizada com a ajuda do Espírito, acompanhada da Virgem Maria, modelo de toda formadora.

Irmãs participantes do Encontro

## TESTEMUNHO DAS IRMÃS

### Primeira Sessão internacional das Filhas da Caridade ao serviço dos Migrantes

Casa-Mãe, 5-20 de setembro de 2005

A primeira Sessão Internacional das Irmãs **ao serviço dos Migrantes** se realizou em Paris, na Casa Mãe, de 5 a 20 de setembro de 2005. 75 Irmãs de todos os continentes participaram desta Sessão que tinha por tema: "**Portadoras de esperança para um mundo sem fronteiras**".

Por ocasião do Encontro das Visitadoras da Europa em Salamanca, em 2002, um dos assuntos discutidos foi o fenômeno mundial das migrações. Um Comitê organizado por algumas Irmãs, procedentes das Províncias européias, tinha preparado um relatório que foi apresentado na Assembléia Geral de 2003.

Após esta discussão, Irmã Evelyne e o Conselho Geral propuseram que fosse realizada uma Sessão Internacional para as Irmãs que trabalham com Migrantes. Irmã Julma Neo e Irmã

Maria Rosa Camminati, Conselheiras Gerais, com uma Comissão de coordenação organizaram o conteúdo da Sessão, seus objetivos e convocaram as Irmãs.

## DESENVOLVIMENTO DA SESSÃO

A sessão começou por uma discussão em pequenos grupos de Irmãs de diferentes países que falavam a mesma língua. O objetivo desta primeira etapa consistia em examinar a realidade das migrações em seus próprios países em relação com a globalização. De acordo com sua experiência pessoal e, colocando-se no lugar dos migrantes, as Irmãs partilharam suas idéias referentes às causas das migrações, suas conseqüências para os migrantes, para suas famílias, para seus países de origem e países que os acolhem. Estas realidades foram enriquecidas por uma Mesa redonda com migrantes do Camboja, Costa do Marfim e de Martinica que nos apresentaram as experiências positivas e negativas de suas integrações culturais, religiosas e sociais na França.

Por ocasião da segunda etapa da sessão, os conferencistas apresentaram às Irmãs uma vasta gama de assuntos compreendendo as dimensões socioculturais, políticas/ jurídicas, religiosas e inter-religiosas que afetam os migrantes. O mundo se tornou muito pequeno à medida que aprofundávamos nossa compreensão da maneira como cada uma destas dimensões afeta as nações e têm conseqüências internacionais para os migrantes, os imigrantes e os refugiados. As migrações dentro de um mesmo país, da mesma maneira que as deslocamentos crescentes das pessoas de um país ao outro e, de um continente ao outro, mostraram a interdependência das migrações enquanto fenômeno mundial. Do mesmo modo, durante esta etapa, as apresentações nos ajudaram a situar a nossa reflexão sobre as migrações no contexto do pensamento teológico contemporâneo e do nosso carisma vicentino.

## TEMAS DAS CONFERÊNCIAS

A grande diversidade de apresentações e de assuntos, tratados por conferencistas competentes, permitiu aprofundar e alargar a nossa compreensão:

- **“Fazer face ao fenômeno mundial das migrações: a realidade, suas causas e seus efeitos”** pela Doutora Gabriela Rodriguez Pizarro, Relatora das Nações Unidas, da Costa Rica.
- **“O tráfego humano”** por Águeda Marín da Organização Internacional das Migrações (OIM), da Costa Rica.
- **“Os desafios políticos e legais das migrações”** por Mark Von Sternberg, advogado emérito, ao serviço das comunidades e caridades católicas da Arquidiocese de Nova Iorque, Estados Unidos.
- **“As dimensões religiosas e inter-religiosas das migrações: realidade e desafios”** pelo Padre Thomas Michel, sj, Diretor do escritório dos Jesuítas para diálogo inter-religioso em Roma.
- **“Os migrantes: dom à Igreja e à sociedade”**, pelo Padre Eddy Jadot, sj, Diretor do Serviço Jesuíta para os refugiados na Bélgica e por Gabriel Katuvadioko, capelão nacional para as comunidades religiosas africanas.
- **“Reflexões sobre a migração de acordo com as Escritas e o ensinamento Social da Igreja”**, pelo Cardeal Stephen Hamao, Presidente do Conselho Pontifício para os migrantes e

as pessoas em deslocação, Cidade do Vaticano e por Nilda Castro da seção dos migrantes deste mesmo Conselho.

- "**Migrações e carisma vicentino**" pelo Padre Giuseppe Turati, cm.

Estas conferências nos abriram largos horizontes sobre as dimensões socioculturais, políticos legais, religiosas e inter-religiosas desta questão da migração:

- Examinando as dimensões socioculturais das migrações, as Irmãs falaram das sensibilidades culturais e da necessidade de estar consciente de nossas próprias atitudes e das dos outros no que diz respeito às diferenças culturais.

- A dimensão político legal desta questão das migrações, bastante nova para muitas Irmãs, fazia compreender:

- as tensões entre o que as leis, referentes aos migrantes e refugiados, indicam e a sua aplicação,

- os conflitos que nascem entre as leis que buscam proteger os direitos dos indivíduos, para que eles possam viver na dignidade, e o direito dos estados em supervisionar suas fronteiras.

- As dimensões religiosas e inter-religiosas das migrações conduziram as Irmãs a uma melhor compreensão sobre o Islã, o diálogo inter-religioso com os migrantes e a pastoral dos migrantes. Todas as dimensões mencionadas acima foram examinadas à luz da nossa fé e do nosso carisma vicentino.

**Na hora de seu discurso de abertura, Irmã Evelyne Franc**, Superiora Geral, colocou um desafio as Irmãs de:

- Olhar as dimensões mundiais das migrações com uma nova visão para perceber a vantagem de ser uma comunidade internacional para aproximar este fenômeno mundial,

- Trabalhar para inculturar a riqueza do nosso carisma,

- Trabalhar em colaboração com outros,

- Realizar esta tarefa mantendo um equilíbrio entre o serviço e a vida comunitária.

**O Padre Grégory Gay**, Superior Geral, se encontrou com as Irmãs na metade do encontro para celebrar a Eucaristia. Sua homilia foi sobre as leituras do dia, "O semeador e a semente". Ele nos colocou o desafio de ter um coração aberto e generoso quando ouvimos a Palavra das Escrituras e quando fazemos a experiência de Cristo nos pobres e em cada um de nós. Depois da Eucaristia, manteve um diálogo informal com as Irmãs e, se apoiando sobre a sua própria experiência na América Central, falou da nossa resposta vicentina à questão da imigração.

**Estas conferências foram marcadas por tempos de oração pessoal ou em grupos:** as celebrações eucarísticas constituem o coração da nossa vida juntas. A diversidade cultural e as expressões de oração inovadoras se refletiram na beleza dos hinos, dos instrumentos musicais, as danças litúrgicas das Irmãs de numerosos países e nacionalidades representadas. O violino de Irmã Christina Conti acompanhou todas as liturgias dos grupos lingüísticos. Sua generosidade em partilhar o seu talento, com cada uma de nós, mostrou o potencial que está em nós para entrar em relação com o desconhecido, o estrangeiro.

**Os testemunhos** acrescentaram uma outra dimensão à Sessão. As Irmãs, que foram refugiadas, nos contaram a história de seu próprio périplo para um novo país e todos os sofrimentos e alegrias que fizeram parte destas experiências. Outras Irmãs testemunharam seu serviço junto aos migrantes através de reflexões apostólicas, montagens no PowerPoint e exposições.

Havia um **clima de alegria** e de verdadeira fraternidade entre as participantes da Sessão. Como a maioria das Irmãs falava duas línguas, houve mais interações e trocas entre nacionalidades diferentes, mais partilhas e escuta das experiências e dos serviços junto aos migrantes vividos por uma e outras.

### **Redação de um documento**

Perguntas guiavam as discussões em pequenos grupos, tinham por objetivo nos ajudar a integrar tudo o que tínhamos recolhido das diferentes exposições. Resumos das respostas eram apresentados em sessões plenárias e em seguida eram sintetizados pela Comissão de redação do Documento. Este esboço do documento foi apresentado às Irmãs antes de uma ratificação definitiva.

A nossa apresentação da sessão não seria completa sem reconhecer a formidável hospitalidade das Irmãs da Casa Mãe, das secretárias, de Irmã Esther Cavanagh e da equipe das tradutoras sem quem não teríamos podido realizar este encontro. As participantes fizeram a experiência da benevolência incomparável de Irmã Maria Teresa Sanz e do pessoal; sempre disponível para ajudar em todos os momentos do dia ou a pedido; o circuito vicentino dinâmico organizado por Irmã Marie Geneviève Roux e Irmã Ascencion Larrad e a profundidade e o entusiasmo de Irmã Claire Herrmann e das outras Irmãs dos Arquivos que valorizaram a nossa herança comum.

### **Alguns comentários de participantes:**

*“Foi uma bonita experiência! As Irmãs participantes estavam intensamente comprometidas nesta Sessão em razão da experiência que elas têm nos seus serviços junto aos migrantes”.* (Irmã Yonide Midy, haitiana da Quase Província)

*“Achei enriquecedor saber que nós, Filhas da Caridade, trabalhamos com esta nova forma de pobreza entre os migrantes dos 5 continentes e que respondemos a diferentes serviços pastorais e sociais”.* (Irmã Consuelo Gómez, mexicana, da Província de Porto Rico, que terminou recentemente um serviço junto dos migrantes em Miami, Flórida, Estados Unidos)

*“Havia muita proximidade entre nós sem dúvida, devido o nosso compromisso comum junto dos migrantes. Foram eles que nos reuniram e o Espírito Santo permitiu nos abrir umas as outras para aprender como nos apoiar mutuamente na nossa missão”.* (Irmã Michelle Nguyen, vietnamita da Província da Albânia, Nova Iorque, Estados Unidos)

*“É a minha primeira experiência da internacionalidade da Companhia. Foi muito bonito ver a maneira como trabalhamos juntas apesar das nossas diferenças de línguas e de culturas”.* (Irmã Ecaterina Ciobanu Iuliana, Província da Romênia que trabalha em Bucareste, Jugoslávia)

*“Sinto que volto com uma fé reforçada e com a esperança de avançar mesmo quando encontrar dificuldades. Devo isto ao fato de ter escutado as Irmãs que foram elas mesmas refugiadas e que partilharam as suas histórias dolorosas quando tiveram que suportar uma migração forçada, e que, no entanto, nunca perderam a esperança”.* (Irmã Tsigue Petros, Província da Etiópia)

Irmã Consuelo TOVAR e Irmã Joanne DRESS  
*Filhas da Caridade*

## TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Irlanda

### Dez anos de trabalho em favor da justiça social

**Na Irlanda**, as Filhas da Caridade, a Congregação dos Lazaristas, a Sociedade de São Vicente de Paulo e as Irmãs da Santa Fé estabeleceram, em 1995, a “**Parceria vicentina em favor da justiça social**”.

#### **OBJETIVOS**

A “**Parceria vicentina em favor da justiça social**” procura continuar o trabalho dos fundadores dos quatro grupos que a constituem: Luísa de Marillac, Vicente de Paulo, Frederico Ozanam e Margaret Aylward. Cada um deles foi um pioneiro em seu tempo. Cada um, com um profundo respeito pela dignidade de todo ser humano, se comprometeu de maneira dinâmica com os valores evangélicos do amor, da compaixão e da justiça. Eles foram criativos e inovadores em seus esforços para criar com outros uma sociedade em favor da dignidade de todo homem e dos direitos do homem.

Face às injustiças criadas pelo crescente fosso na Irlanda entre as pessoas que vivem na pobreza e outros na riqueza, os quatro grupos se reuniram para estabelecer um Projeto vicentino em favor de uma mudança social e econômica. A característica específica destes esforços de parceria para trabalhar em favor da justiça consiste a em focalizar-se sobre o trabalho direto com as pessoas que vivem na pobreza.

#### **VALORES**

Eis os valores que estão no centro da "Parceria vicentina em favor da justiça social":

**A espiritualidade vicentina:** Jesus e o pobre estão no centro da espiritualidade vicentina. Dois outros elementos estão no centro de nossa espiritualidade: o apelo para ver o mundo com os olhos das pessoas excluídas, economicamente e socialmente, que não podem tomar parte na sociedade e o apelo a se deixar transformar pelo sofrimento das pessoas marginalizadas.

**A dignidade do indivíduo:** Este valor fundamental exprime-se pelo respeito da dignidade e dos direitos de toda pessoa e pelo reconhecimento da sua capacidade em participar da vida da sociedade.

**A solidariedade com as pessoas na sua pobreza:** Para ver a sociedade do ponto de vista das pessoas que são economicamente e socialmente excluídas, trata-se de olhar a sociedade à maneira das pessoas excluídas, de se comprometer em trabalhar para mudar as estruturas que são fontes de exclusão e de pobreza.

**Participação:** Comprometendo-se com as pessoas que vivem na pobreza, o realce é colocado sobre o fato de trabalhar com elas antes que de trabalhar para elas na construção de uma sociedade mais justa.

**Promover a igualdade:** A Parceria apóia ativamente os esforços para chegar à igualdade em termos de acesso aos bens e aos serviços econômicos, educativos, sociais, culturais.

**Uma confrontação sem agressão:** Trabalhando para mudar os valores e as estruturas que contribuem para o aumento da pobreza e da injustiça, a abordagem se faz principalmente pela educação e pela persuasão.

**Reflexão:** As negociações que promovem a reflexão, a avaliação da ação, e os ensinamentos tirados das experiências são integradas nas atividades da Parceria.

## **REALIZAÇÕES**

Durante os 10 últimos anos, utilizamos duas principais abordagens para promover uma sociedade mais justa:

- Estabelecer um Programa para "uma cidadania ativa pela educação ao voto".
- Efetuar uma pesquisa sobre o impacto da pobreza na vida diária dos indivíduos e das famílias.

### **1 - Estabelecer um Programa para "uma cidadania ativa pela educação ao voto"**

Desde os anos 80, houve uma diminuição da participação eleitoral em diferentes regiões da Irlanda. Lá onde a participação é mais fraca são as regiões atingidas pela pobreza e a exclusão. Os habitantes que não têm o interesse de votar, não chamam a atenção dos políticos. Conseqüentemente, as vozes das pessoas ricas e economicamente bem se fazem ouvir. As pessoas que vivem na pobreza não perceberam que o voto delas podia se tornar sua voz. O Programa *"por uma cidadania ativa pela educação ao voto"*, desenvolvido pela Parceria, foi realizado por NETWORK, em Washington e adaptado, com a sua permissão, à situação irlandesa.

Este propõe uma série de oficinas que explicam às pessoas como votar e as ajuda a identificar as questões que são importantes a seus olhos e para seu bairro. Ele lhes apresenta uma negociação para escolher um político que fará aumentar suas preocupações. Os participantes descobrem o poder do seu voto. O programa foi desenvolvido junto a 500 grupos procedentes de bairros de Dublin, um menor número se criou nas outras regiões da Irlanda. Desde o ano 2000, os líderes destes grupos foram formados para desenvolver o programa e, em 2002, uma pequena rede nacional de Network foi estabelecida. Esta rede é composta de 250 pessoas que se comprometem a incentivar os habitantes dos bairros desfavorecidos a se tornarem cidadãos ativos, a participar nas eleições e a trabalhar para mudar sua situação. Em 2005, para celebrar *"o ano da cidadania ativa no seio da União Européia"*, está previsto para o outono, um encontro nacional dos membros da rede. Por ocasião das eleições de 2004, o número de eleitores procedentes dos bairros desfavorecidos passou de 20 para 40%.

Eis algumas reflexões de um grupo de mulheres que de agora em diante é chamado "o grupo das cidadãs interessadas e ativas":

*"Nos bairros como o nosso, não se encontram muitos políticos. No passado, ninguém votava. Os políticos descobrem agora que nós votamos, por conseguinte sabem que devem nos escutar e agir mais. Nós não temos nem piscina, nem equipamentos esportivos nem parques, enquanto que outros bairros estão bem equipados porque votam. Se quisermos uma vida melhor para cada um de nós, devemos mudar de hábito, trabalhar e votar".*

## **2. Realizar uma pesquisa sobre o impacto da pobreza na vida diária dos indivíduos e das famílias.**

A Irlanda é de agora em diante um dos países mais ricos da União Européia. No entanto, cerca de 23% da população (700.000 pessoas das quais 250.000 são crianças) vivem numa certa pobreza. Não têm rendimentos suficientes para viver dignamente. Contudo, sua situação é considerada por muitas pessoas ricas da sociedade irlandesa como a consequência de uma má gestão ou de um comportamento irresponsável.

Para atrair a atenção sobre a realidade de nunca ter dinheiro suficiente para viver e para influenciar as instâncias de decisão sobre a importância de um rendimento suficiente, a Parceria vicentina *"em favor da justiça social"* empreendeu dois estudos que implicam a participação ativa das pessoas em situação de pobreza.

A primeira, em 2002, *"Estudo sobre as famílias com rendimentos modestos"* demonstrava que não era possível viver dignamente e criar seus filhos com fundos da Segurança Social pagos pelo Estado, ou com o Salário Mínimo Nacional. Este estudo mostrava que a causa do déficit era a insuficiência do rendimento e não uma má gestão.

O segundo estudo, em 2003, estudava o custo de: *"Um nível mínimo de vida"* para três famílias. É o patamar que não se pode cruzar sem colocar em perigo a saúde, a integração social e a educação das crianças. Foi retido como rendimento mínimo àquele em vigor no Reino Unido em 2000, bem como os preços em curso neste ano. Os resultados mostraram que o rendimento semanal necessário para "um nível de vida mínimo mas aceitável" era consideravelmente mais importante que aqueles vales concedidos pela Segurança Social a uma família de duas crianças ou às desempregadas.

Nestes lares, a mãe não pode tencionar trabalhar devido o custo da guarda das crianças.

Estes dois estudos tiveram grande repercussão, mas não convenceram o governo.

Mary, uma das mulheres que participou do estudo, contou sua história na rádio:

*"Todas as semanas, eu pago primeiro as faturas: aluguel, eletricidade e gás, o que me resta é utilizado para a alimentação. Eu nunca levo as crianças comigo quando faço as compras porque queriam coisas que nós não podemos pagar - como cereais no lugar de flocos de aveia. Raramente compro carne, de preferência salsichas, hamburgo, croquetes de peixes ou de frango. Desejo comprar legumes frescos mas satisfaço-me com as conservas. Ocasionalmente, as crianças precisam de vestuário, os aparelhos caem em pane como a chaleira ou o refrigerador. Por causa disto, estou atrasada no que devo pagar. Você pode imaginar o que senti quando o meu filho me disse que eu podia utilizar o dinheiro das alocações familiares para a viagem organizada pela escola porque eu tive de dizer-lhe que era gasto em alimento. Tenho medo de fazer dívidas. Uma vez, tive os organismos de crédito sobre as costas. Administro bem meu dinheiro e sofro em escutar que pessoas como eu são tratadas como "parasitas". Não posso trabalhar devido ao custo da guarda das crianças e, ao mesmo tempo, as ajudas não cobrem o custo de vida".*

### **OUTRAS ATIVIDADES DA PARCERIA VICENTINA**

Além destas duas principais iniciativas em favor da justiça, a "Parceria vicentina para a justiça social" edita uma carta bimensal "JUST.NOW" que trata das questões da atualidade local ou internacional. Trabalha regularmente em rede com três outros grupos que agem também pela justiça:

- O grupo das Filhas da Caridade *"pela justiça"*,
- O grupo de Parceria vicentina *"em favor da Doutrina Social Católica"*
- O grupo de Parceria vicentina *"pela defesa dos direitos"*.

Se o Papa João Paulo II disse a alguns Padres irlandeses que vieram celebrar seus 10º aniversários de ordenação em Roma: "*Dez anos, não é muito, mas já é alguma coisa*", pode-se dizer o mesmo para os dez primeiros anos da "Parceria vicentina em favor da justiça social"! Mas nós damos graças a Deus por nos ter permitido tornar esta alguma coisa possível.

A Parceria vicentina pela justiça social  
Casa Ozanam, 53 Mountjoy Praça, Gardiner Street - Dublin 1, Irlanda  
e-mail: [vpj@eircom.nítido](mailto:vpj@eircom.nítido) Website: <http://www.vpsj.ie/>

## **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província da Colônia (Alemanha)

### **XX Jornada mundial da Juventude** Colônia, 16-21 de agosto de 2005

"*Nós viemos adorá-Lo*", tal foi o tema da 20ª Jornada mundial da Juventude, em Colônia, à qual João Paulo II e o seu sucessor, Bento XVI, convidaram a juventude do mundo inteiro. Com entusiasmo, muitos se colocaram a caminho, vindos de diversos países do mundo inteiro; entre eles a JMV, membros da família vicentina, Filhas da Caridade e Lazaristas.

*Terça-feira 16 de agosto de 2005, Eucaristia de abertura*, presidida pelos Cardeais Meisner, Lehmann e Bode, nas três respectivas cidades de Colônia, Düsseldorf e Bonn. Estas celebrações marcaram o início da nossa peregrinação. Mais de 60.000 jovens e algumas Filhas da Caridade da Província de Colônia têm a alegria de participar, da cerimônia no estádio Rhein Energia, presidida pelo Cardeal Meisner. O entusiasmo dos jovens e sua fé em Jesus Cristo foram impressionantes. As diferentes culturas e as diversas línguas uniram-se para dirigir a Deus sua oração. Sentimos que viver juntos, em paz, é possível porque todos estão centrados em Cristo.

*Quarta-feira 17 de agosto de 2005, Jornada Vicentina* na antiga Casa Provincial de Colônia - Nippes para os membros da família com o Padre Grégory Gay, Superior Geral. O tema foi "*Dar e receber alegria*".

*Quinta-feira 18 de agosto de 2005: Chegada de Bento XVI*. Os jovens vieram muito numerosos ao encontro do Papa. A cidade de Colônia ficou muito pequena para uma tal multidão. Nós seguimos o percurso de Bento XVI sobre o Rhin até à Catedral de Colônia e sua entrada na Catedral com uma jovem boliviana e um jovem africano. Em seguida, ouvimos atentamente sua palavra forte e cheia de convicções. Este tempo forte na Catedral e a descoberta do Relicário dos três Reis Magos nos estimularam a refletir sobre a nossa maneira de buscar a Cristo.

*Sexta-feira 19 de agosto 2005: 3º festival dos Jovens vicentinos* na Paróquia Santa Margarida em Dusseldórfia-Gerresheim, onde os membros da família vicentina do mundo inteiro se reuniram. Após a saudação do Padre Gregory Gay, nós escutamos Rita a senhora Oliva, Presidente Internacional da Juventude da Sociedade de São Vicente de Paulo. Ela nos

falou da espiritualidade do jovem vicentino, nos recordando a necessidade de tornar atual o carisma vicentino com o dinamismo próprio da juventude, tudo isto sendo fiel à intuição do nosso carisma: viver a caridade através das relações pessoais e promover o bem integral da pessoa. Sua intervenção foi seguida de partilhas de experiências, de intercâmbios, de orações, de representações folclóricas e de músicas.

*Sábado, 20 de agosto de 2005: Peregrinação a Marienfeld ("Colina de Maria")* cerca de trinta quilômetros de Colônia onde se realizaram a Vigília com o Papa e a Eucaristia de encerramento. Neste lugar onde foi fundado um mosteiro no ano de 1150, a chegada de Bento XVI suscitou uma grande alegria. A vigília começou com a procissão da Cruz das Jornadas mundiais da Juventude e a entrada do ícone da Virgem. A oração dos salmos, a celebração da luz e a adoração do Santíssimo Sacramento nos permitiram adorar a presença real de Jesus, Luz do mundo e Pão descido do céu. A vigília terminou com diferentes representações folclóricas. Depois de uma noite muito úmida e fria, celebramos no dia seguinte a Eucaristia de encerramento. Cada parte da missa foi cantada em melodias dos cinco continentes. No fim da celebração, o Papa abençoou mais de um milhão de jovens peregrinos, provenientes de 193 países, reunidos nesta ocasião.

Como conclusão, escutemos mais uma vez estas palavras de Bento XVI, dirigidas aos jovens do mundo inteiro: *"Agora aprendam que a sua vida deve conformar-se com este modo divino de exercer o poder, com esta forma de ser do próprio Deus. Devem tornar-se homens da verdade, do direito, da bondade, do perdão e da misericórdia. Não voltarão a perguntar: Para que me serve isto? Ao contrário, deverão perguntar: Como vou servir a presença de Deus no mundo? Devem aprender a perder-se a si mesmos e precisamente assim a encontrar-se a si mesmos. Ao irem embora de Jerusalém, devem continuar sobre as pegadas do verdadeiro Rei, no seguimento de Jesus"*.

### **Alguns fatos notados por uma Irmã de Colônia**

*Ursula tendo participado na preparação da Jornada Vicentina em Colônia-Nippes disse: "Meu pai tinha me incentivado a me engajar nesta preparação. Eu me havia imaginado que Vicentinas "não muitos jovens" e Irmãs "antes arcaicas" (eu nem mesmo as conhecia) iam preparar um encontro calmo e sem barulho... Com efeito, eu raramente vi tanta gente se lançar no trabalho com tanto ardor, cordialidade e abertura. Eu achei formidável encontrar jovens australianos pertencentes às Conferências de São Vicente de Paulo.*

*Um funcionário, muçulmano, que trabalha no tráfego urbano, me disse: "Estas pessoas com suas mochilas azuis nas costas me fazem falta"*.

*Um habitante de Colônia, falando espanhol, se responsabilizou por uma jovem do Panamá lhe permitindo chegar na hora ao aeroporto.*

*Pela primeira vez, um helicóptero chega no novo terreno de aterrizagem do Hospital São Vicente. Desce um paciente de "Marienfeld" acompanhado por um Padre da Missão de Lippstadt.*

*Vendo um grupo italiano perdido, um motorista de ônibus propõe a todos os jovens para conduzi-los diretamente ao seu alojamento em Mönchengladbach.*

*Um dia, diante de um afluxo imprevisto de peregrinos, uma das cantinas de Bonn preparou imediatamente a refeição para estas 1.000 pessoas suplementares.*

*Depois da missa de encerramento, mais de 200 jovens vieram descansar e se restabelecer na Casa Provincial, antes de tomar o ônibus para Paris.*

Descobrimos a realidade dinâmica e internacional da Família Vicentina no coração da Igreja. Vimos e vivemos uma Igreja jovem, uma Igreja que tem um futuro. É bom fazer parte dela.

Irmã Petra SCHUPP e Irmã Stefanie KALLENBORN  
*Filhas da Caridade*

## **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província da África Central

### **As crianças de rua em Kigali - Ruanda**

Em 1984, um Padre dominicano, Padre Guy Musy teve a idéia de criar um Centro para as crianças que vagueiam nas ruas da capital de Ruanda. Reuniu um grupo de rapazes chamado de *Abadacogora*, o que significa "os corajosos" e um grupo de moças chamado de *Intwali* "as valentes". Estes são nomes que expressam uma visão mais positiva sobre o futuro.

Logo em seguida à guerra que reinou em Ruanda, as crianças se multiplicaram nas ruas e o Centro teve, mais do que nunca, necessidade de apoio para responder a este desafio. O Padre Dion Márius, atual diretor do Centro, recorreu às Filhas da Caridade e outras pessoas de boa vontade, pedindo-lhes sua colaboração para a promoção destas crianças que Deus ama. São Vicente nos diria hoje: "Deus vos escolheu para isto ... para serdes as mães destas crianças..." (X, 113-114)

Desde o ano 2000, eu vivo este serviço como uma bonita experiência que hoje compartilho com vocês.

#### **Porque estão nas ruas?**

Um inquérito foi efetuado em 2004 a fim de conhecer melhor, as verdadeiras causas deste problema. Com os outros centros do País a serviço das crianças de rua, fomos durante seis meses nas sete maiores cidades de Ruanda. Foram feitas entrevistas com 150 crianças que vivem na rua dia e noite, com 60 crianças que freqüentam as ruas apenas durante o dia porque têm uma família e com umas sessenta famílias que as crianças freqüentam as ruas. No fim, encontramos as autoridades civis a nível local e Provincial pedindo-lhes seu parecer sobre este problema.

Tendo terminado a pesquisa, conhecemos as causas fundamentais que levam as crianças para as ruas. As mais comuns são: conflitos familiares, viuvez, novo matrimônio e o divórcio dos pais; a morte dos pais, o seu desaparecimento ou a sua detenção... Em certas regiões há também, a poligamia, a exploração dos menores em trabalhos duros, a atração urbana... Todas estas causas são freqüentemente fontes da pobreza e da miséria. Elas descomprometem os pais de seus deveres e privam as crianças de seus direitos. Isto leva as crianças a deixar suas famílias naturais ou adotivas.

## **O amor está além de qualquer coisa**

Nas ruas, as crianças levam uma vida muito difícil. Feridos pela angústia, o frio, a fome e as freqüentes ameaças da polícia (no caso de saque), consomem drogas. Esperam esquecer seus sofrimentos acumulados no passado e no presente, mas, estas drogas os conduzem à violência e, às vezes, ao desespero.

Nós que desejamos sua inclusão na sociedade, temos necessidade de muito amor e delicadeza para conquistá-los. Uma vez por semana, saímos em busca das crianças que vão a um ou outro canto da cidade. Elas sabem diferenciar bem aqueles que as procuram para explorá-las e as que querem seu bem. Pela abordagem e pela atenção, a confiança nasce progressivamente entre nós. Então, são elas quem nos indicam outros lugares e nos apresentam os recém-chegados. O que nos surpreende, é descobrir sua organização interna. Elas têm pequenas comunidades bem identificadas, uma linguagem comum, um caixa comum para pagar os cuidados médicos em caso de doença... Têm seus chefes que dão ordens e mesmo sanções quando é necessário.

Quando as crianças começam a perceber que somos seus amigos, elas aceitam vir se formar em nosso Centro. Lá elas recebem todo o necessário: refeição, roupas... e aprendem alguns ofícios. O objetivo do Centro é preparar estas crianças para uma vida melhor e à reintegração nas suas famílias quando é possível. Graça aos cursos de alfabetização, dispensados no Centro, algumas crianças podem retomar ou começar a escola primária. Acompanhamos o seu desenvolvimento e alguns, chegam até mesmo a fazer estudos universitários. Algumas aprendem no Centro: costura, bordado, fabricação de cartões postais, montagem de bicicletas, corte de cabelos... Outras são enviadas para estudar a alvenaria, o encanamento, a soldadura, a contabilidade...

Fico sempre impressionada de ver o progresso destes jovens para uma vida mais digna. A paciência e a perseverança são dois pontos necessários para este serviço. As crianças estão habituadas a levar uma vida agitada nas ruas enquanto que no Centro, devem fazer muitos esforços. Isto desencoraja algumas que abandonam a formação depois de alguns meses e preferem voltar para a rua. As que perseveram são mais numerosas e a porta permanece sempre aberta para as que querem retornar. Hoje, o Centro conta com 385 crianças e 22 são internas, as outras retornam às suas famílias respectivas ou famílias de acolhimento.

Florença, de 15 anos, começou com dificuldade a costura. Depois de um ano, ela confeccionava com muita perfeição, uniformes para os alunos. Hoje, utiliza a sua máquina de costura, recebida no Centro. Para ensinar às crianças a pouparem seus pequenos rendimentos, o Centro lhes concede 5% de ganho por mês sobre o dinheiro que as crianças lhes confiam.

## **O corporal não é separado do espiritual**

O Centro propõe uma catequese às crianças católicas a fim de prepará-las aos sacramentos. Todas as crianças se beneficiam das instruções morais e bíblicas, sobretudo por ocasião dos tempos fortes da Igreja: Advento, Natal, Quaresma, Páscoa... E eu, como Filha da Caridade, falo-lhes também dos nossos Fundadores e da Medalha Milagrosa.

Nós, educadores e crianças, procedemos de diferentes confissões religiosas, alguns são descrentes. Mas, com o tempo, muitas crianças são atraídas progressivamente pelas instruções católicas e se inscrevem livremente no catecumenato para receberem também os sacramentos

da Igreja. Quando os recebem, é sempre um grande acontecimento para elas. Emma, de 13 anos um dia me chamou e me conduziu para uma das salas mais afastadas do Centro. Fechando as portas e as cortinas, murmurou ao meu ouvido: *“Tive êxito no exame para fazer minha primeira comunhão”*. Esta notícia tinha lhe causado tanto embaraço que queria me dizer numa grande intimidade.

No Centro, as crianças vivem como se pertencessem a uma mesma família. Sabem resolver os problemas que surgem sem muita complicação e são muito solidárias entre si. Esta solidariedade já vivida na rua se reforça ainda mais no Centro. Abrem-se aos sofrimentos daquelas que consideram mais necessitadas do que elas mesmas. Uma vez por mês, fazemos um serviço voluntário na Casa das Irmãs missionárias da Caridade, responsáveis por um orfanato e um centro para pessoas idosas. As crianças ficam muito felizes de lavar a roupa e limpar os alojamentos desta obra. No Natal e Páscoa, elas vão lá para animar uma festa (cantos, danças...) e partilham com elas, bombons e biscoitos comprados com o dinheiro do seu caixa comum de solidariedade. Formam um coral para animar a Missa celebrada no Centro.

### **O resultado deste serviço é positivo**

Durante o tempo que as crianças estão no Centro, empreendemos as negociações para a reconciliação com seus pais ou seus tutores que eles mesmos nos apresentaram. Posso afirmar que é o Senhor, Mestre do impossível, que faz a sua obra. É um dos objetivos do Centro e eu contemplo nisto a presença de Deus que nos assiste. Este serviço é uma grande escola para mim, um meio de conversão. Meu olhar, meus preconceitos e meus medos mudaram em uma visão de fé. Recebi mais do que dei. É realmente um grande presente. Como conclusão, gostaria de repetir com o salmista: *“Como é bom agradecermos ao Senhor, anunciar pela manhã o seu amor”* (Sl. 91).

Irmã Béatrice UWIZEYEMARYA  
Filha da Caridade

## **PALAVRA DOS POBRES**

Província da África Central

### **O compromisso dos jovens**

O Ruanda é um país que conheceu graves tragédias e as conseqüências são inúmeras. Uma delas é o grande número de órfãos que lá se encontram hoje.

A partir de 1999, a nossa Comunidade de Nemba, ao norte do país, reuniu alguns jovens e crianças órfãs obrigados, pelas circunstâncias, a se tornarem responsáveis pelos seus irmãos e irmãs cujos pais morreram ou desapareceram. Nós lhes visitamos regularmente, asseguramos os cuidados médicos para famílias muito pobres. Uma vez por mês, todos se encontram na Paróquia para um acompanhamento moral e espiritual. Alguns leigos voluntários nos ajudam nesta ação, assim como os Padres e os catequistas da Paróquia.

Um dia, uma destas órfãs, Esperança, de 15 anos, se apresentou à Comunidade. Ela pediu um encontro pessoal com a Irmã que se ocupa do acolhimento dos Pobres. Eu me apresentei e a jovem se expressou com convicção: *“Minha Irmã, há muito tempo que você nos ajuda, meus irmãos e eu. Escuto falar que você acompanha as Associações de Pobres.*

*É hora de me decidir. Eu também, gostaria de pertencer e trabalhar em uma destas Associações. Ajuda-me a chegar lá. Se não, até quando vou ser assistida?"*

Estas palavras me tocaram e interpelaram toda a Comunidade. Propusemos à Esperança de procurar outros jovens da sua idade para criar uma Associação pois ela é muito jovem para trabalhar com os adultos. Após alguns dias, um grupo de 30 jovens, de 14 a 20 anos se apresentou, todos cheios de coragem para comer o pão "com a força dos seus braços e o suor de seus rostos". Eles se propuseram realizar as diferentes atividades: criação de coelhos, galinhas, cabras; cultivar a terra e fazer um pequeno comércio... eles trabalharão em pequenos grupos mas pelo momento, todo o grupo começou pelos viveiros das árvores com o objetivo de vendê-las durante a grande estação de chuvas. Cada mês, eles depositam uma pequena contribuição num caixa comum a fim de assegurar algumas necessidades essenciais para um ou outro dentre eles.

*"Há mais felicidade em dar do que em receber"* (At. 20,35). Emprestemos o ouvido, mesmo as crianças têm algo a nos ensinar ou a nos recordar.

Irmã Valentine UWIMANA  
*Filha da Caridade*

### **NOTÍCIAS BREVES**

**Prêmio "Príncipe de Astúrias" da Concórdia entregue às Filhas da Caridade no dia 21 de outubro de 2005, em Oviedo.**

Foi na cidade de Oviedo, em 1980, que se constituiu a Fundação "Príncipe de Astúrias", presidida pelo Príncipe de Astúrias, a fim de contribuir na promoção dos valores científicos, culturais, humanistas, recompensando o trabalho realizado no âmbito internacional por pessoas ou instituições.

Neste 25º ano da Fundação, 8 Prêmios foram concedidos pela Fundação: o Prêmio da Cooperação Internacional ao antigo presidente do Parlamento Europeu, Simone Veil, o da Comunicação aos grandes Institutos culturais europeus, o das Ciências humanas ao italiano Giovanni Sartori, o das Letras à brasileira Nelida Pinon, o da Pesquisa científica ao doutor português Antonio Damasio, o das Artes às dançarinas Maya Plisetskaya e Tamara Rojo, o dos Desportos ao piloto espanhol Fernando Alonso e o da Concórdia às Filhas da Caridade.

Este Prêmio da Concórdia, destinado às pessoas ou instituições que trabalham contribuindo para a harmonia entre os homens, que lutam contra as injustiças, as pobreza, as doenças... já foi atribuído, entre outros, para Médicos sem fronteiras, ao rei Hussein da Jordânia e a Cáritas Espanhola...

Este Prêmio recompensa *"o excepcional trabalho social e humanitário em favor dos pobres e abandonados que as Filhas da Caridade realizam exemplarmente há quase quatro séculos e, pelo seu trabalho em nome da justiça, da paz e da solidariedade no mundo inteiro"*. (Província de Gijón).

## **NOTÍCIAS BREVES**

### **Aprofundamento das Constituições**

A Província da Eslovênia viveu um tempo de graça com Irmã Margaret Barrett, Assistente Geral e Irmã Zofia Daniscakova, Conselheira Geral. Acolhidas por Irmã Bárbara, Visitadora, vieram para nos ajudar a aprofundar as Constituições.

O primeiro dia foi consagrado às Irmãs jovens e às Irmãs dos Seminários da Eslovênia e da Albânia. Irmã Margaret falou-lhes muito do chamado de Deus. Através de uma partilha espontânea, cada uma contou a história da sua vocação. Irmã Margaret impressionou as Irmãs jovens pelo seu contato humano fácil e sua serenidade.

O segundo dia foi destinado a todas as Irmãs da Província. Irmã Margaret apresentou as novas Constituições. Ela insistiu, em especial, sobre a vida comunitária, ressaltando a importância de viver a unidade na diversidade. Citando as Constituições, Irmã Margaret colocou-as em relação com textos do Evangelho. Ela sublinha também a necessidade de uma profunda vida de relação em Deus para servi-Lo nos Pobres.

No terceiro dia, Irmã Margaret e Irmã Zofia encontraram as nossas Irmãs Idosas de algumas Casas. Estas testemunharam seu grande amor a Deus, aos Pobres, à Companhia. Elas se interessaram bastante à vida das nossas Irmãs no mundo e expressaram seu reconhecimento por esta visita que lhes aqueceu o coração.

Em seguida, Irmã Margaret propôs, às Irmãs Serventes, o aprofundamento das Constituições insistindo sobre sua missão específica na Comunidade local. Ressaltou a maneira de ser de Jesus com seus apóstolos, tão diferentes uns dos outros. Como Jesus, é necessário estarmos atentas a cada uma, com compreensão e afeição, admirando os dons do Senhor em cada Irmã. Esta partilha foi seguida por trabalhos de grupo que permitiram rever o tema ilustrando-o com os fatos concretos da vida diária. Irmã Zofia ajudou a tirar as conclusões para o futuro. (Província da Eslovênia).

## **FAMÍLIA VICENTINA**

II Assembléia Geral da JMV  
7-13 de agosto de 2005

“Com uma espiritualidade leiga,  
partilhamos a missão”

Após meses de trabalho, de preparação e de oração, nós, da equipe internacional da JMV, chegamos em Paris no dia 4 de agosto. Desembarcamos com as malas cheias de sonhos, esperanças, disponibilidade, desejo de fazer da II Assembléia Geral da JMV, um tempo de graça para a nossa Associação.

De 7 a 13 de agosto, as JMV viveram intensamente, com esperança e entusiasmo, um tempo forte de reflexão, discernimento, avaliação dos últimos anos e abrir-nos aos novos desafios para a missão futura.

A Casa Mãe das Filhas da Caridade nos abriu as portas e nos acolheu de braços abertos. Desde o primeiro instante, sentimos a afeição de todas as Irmãs assim como o

acolhimento caloroso da Santíssima Virgem que nos abria os braços. Com emoção, pisamos esta terra como uma “terra sagrada”.

### **Objetivo da Assembléia Geral**

- Avaliar o caminho percorrido desde a 1ª Assembléia Geral (Roma 2000) a fim de buscar os desafios que se apresentam à Associação após cinco anos.
- Conhecer melhor os fundamentos da identidade da JMV e considerar dois pontos particulares: o apostolado e a formação.
- Eleger um novo Conselho Internacional.
- Estudar a situação econômica da Associação.
- Engajar-se em Projetos de serviço em união com a Família Vicentina.

### **Desenvolvimento da Assembléia Geral**

No dia **7 de agosto**, durante o dia todo, acolhemos 165 jovens, Irmãs e Padres da Missão vindos de 41 países.

No dia **8 de agosto**, abertura com uma Eucaristia solene, na capela da rua do Bac. Fomos convidados a fazer da nossa Assembléia um lugar de vida, uma experiência de fé que fortifica o nosso compromisso no seio da Associação e no serviço dos pobres. Em seguida, o Padre Grégory Gay, *Diretor Geral da JMV*, e Irmã Evelyne Franc, *Superiora Geral das Filhas da Caridade*, dirigiram algumas palavras à Assembléia. Convidaram-nos a viver este tempo como um tempo de renovação e de graça, aproximando-nos do altar, deixando-nos olhar por Jesus, como Maria dizia a Santa Catarina.

Gladys Abi-Saïd, *presidente internacional*, abre oficialmente a Assembléia, ela o fez com criatividade, inundando a sala de luzes e das cores do arco-íris como um reflexo do percurso da Associação desde o ano 2000. Ela nos propôs trabalhar, refletir, rezar, partilhar como meios indispensáveis para abrir uma nova etapa.

Com um olhar realista, Glória Santillan e Edurne Urdampilleta, *conselheiras internacionais*, apresentaram um balanço da Associação dos últimos cinco anos, baseando-se no documento final da 1ª Assembléia Geral.

Após termos reagido nos trabalhos de grupos, constatamos alguns pontos de alerta necessários para os próximos anos: formação dos membros, autofinanciamento e compromisso com a família vicentina.

Como destacava o programa desta Assembléia, uma grande parte foi dada à formação. Os 3 dias seguintes nos permitiram refletir sobre os seguintes temas:

**A Espiritualidade do jovem marial e vicentino no mundo de hoje**, apresentado por Juan Bellido, *JMV da Espanha*. Ele mostrou a necessidade de dar um sentido à vida, à maneira de Jesus, construindo o Reino sobre a terra, na realidade vivida por cada um. Apresentou, com convicções, dois pontos:

- a dinâmica de rejeição do pobre que nós devemos quebrar criando modelos de promoção humana;
- o fato de sermos leigos que falamos alto e forte no meio do mundo.

Com humor, simplicidade e profundidade, ele nos apresentou os desafios para o futuro: educar a criatividade, rezar antes de agir, viver sua fé na Igreja.

- **Partilhar a Missão na JMV** apresentado por Ir. Wivine Kisu, *Conselheira Geral das Filhas da Caridade*, e o Padre Ziad Hadad, *cm do Líbano*. Eles nos recordam que somos todos chamados, como Igreja, a uma missão, com o nosso carisma vicentino, os pobres como lugar do encontro com Deus.

- **Desafios para os JMV na Igreja do terceiro Milênio**, apresentado por Jesus Romero, *membro da Comunidade Santo Egidio*. Expôs a condição do cristão no momento atual, um século difícil, e a necessidade de dar respostas audaciosas e corajosas: responder às novas pobreza a partir de uma vida comunitária e de intensa oração; reforçar o diálogo inter-religioso; criar relações entre o Evangelho e a cultura.

Após os trabalhos de grupo, lugar privilegiado do diálogo, a mesa redonda da família vicentina, animada por dois conselheiros internacionais, desenvolveu-se a partir de duas questões:

- O que os diferentes ramos da família vicentina oferecem a JMV?
- Quais são suas esperanças em relação a JMV?

Os diferentes membros convidados responderam com simplicidade, sinceridade, profundidade, num clima que convidava à escuta e à abertura:

- Padre Grégory Gay, *como Superior Geral da Congregação da Missão*, manifestou a esperança da Congregação para a JMV de um compromisso feliz, vivo, novo no serviço e na evangelização, convidando cada um a unir seus esforços e entusiasmo em projetos comuns.

- Irmã Evelyne Franco, *Superiora Geral das Filhas da Caridade*, exprime o seu desejo de que cada membro da JMV tenha uma experiência de vida forte, baseada na fé e no dinamismo evangélico do carisma vicentino.

- Marina Costa, *presidente internacional da AIC*, insistiu sobre a necessidade de formar bem os membros para trabalhar com Projetos em colaboração com outras ONGs.

- Jesus Benitez, *tesoureiro nacional da AMM da Espanha*, ofereceu a todos a experiência de Fé da Associação, como escola de santidade, bem como sua alegria de viver imitando Maria, a mulher cristã e comprometida.

- David Sanz, *delegado da Misesvi*, pediu para tornar conhecida a sua Associação aos membros dos JMV, sobretudo aos que estão em busca de um projeto missionário leigo.

- Manuel Gineta, *delegado do Superior Geral para a família vicentina*, nos pediu com insistência para aprofundar o carisma vicentino, o que reforçará a colaboração com a Família Vicentina.

## **Nomeação do Conselho Internacional da JMV**

Nossa Assembléia nomeou um novo Conselho Internacional. Após a apresentação dos candidatos, fiéis ao Diretório da Assembléia e aos Estatutos internacionais, o voto designou os seguintes membros:

- Presidente: Yasmine Cajuste do Haiti
- Membros do Conselho: Dorys Castillo, do Equador, Maria de Jesús Garcia, da Espanha, Denise EL Khoury, do Líbano, Vouhanginirina François de Paul, de Madagascar.

Este novo Conselho Internacional tem a missão de orientar a Associação até 2010, de colocar em prática as linhas de ação da Associação. O documento final aprovado pela Assembléia de 12 de agosto, marcará o ponto de partida do "ser" e do "agir" da Associação.

Deus tendo nos concedido esta graça da Assembléia, temos a certeza de que Maria continua a velar sobre a JMV. Constatamos nas sessões plenárias, nos trabalhos de grupo, nas celebrações onde a diversidade cultural e lingüística foi percebida como uma riqueza que nos fizeram participar profundamente de cada uma das celebrações eucarísticas e dos momentos de oração.

### **Nossos compromissos**

Pudemos constatar o progresso que foi atingido nestes últimos anos em relação a identidade, a formação, o apostolado e a expansão da Associação. Sentimos também, muito fortemente a necessidade de nos comprometer mais em certos aspectos:

- **A vida espiritual:** intensificar a vida sacramental, sobretudo a Eucaristia. Organizar oficinas para que os jovens aprendam a rezar pessoalmente e comunitariamente.
- **A formação:** intensificar os cursos de formação via Internet; continuar a estudar e a difundir o documento "Processos de formação da JMV".
- **No serviço - Missão:** suscitar "parcerias" entre os países, procurando o enriquecimento mútuo. Dar importância às comunidades missionárias assim como para a missão "*ad extra*" como "*ad intra*".
- **Reforçar a nossa pertença à família vicentina:** engajar-nos em projetos concretos de serviço e de evangelização.
- **Autofinanciamento:** contribuição anual de cada um dos países-membros para apoiar a coordenação internacional.
- **Atualizar a mensagem da rua do Bac para melhor vivê-la.**

Sejamos testemunhas de Cristo Servo, a exemplo de Maria, Vicente de Paulo e Catarina Labouré.

Agradecemos a todos aqueles que colaboraram neste encontro: as Irmãs da Casa Mãe, Irmã Evelyne Franc, os Padres da Congregação da Missão e seu Superior, a JMV da França que, com um grupo de voluntários, apoiaram toda a logística, as tradutoras, os jovens voluntários que trabalharam no secretariado, na administração... todos os que nos ajudaram "O Senhor manifestou o seu poder entre nós e estamos felizes".

Irmã Asunción GARCIA  
*Delegada internacional dos JMV*

## ESPECIAL 175º ANIVERSÁRIO DAS APARIÇÕES DE 1830

Aparição de 27 de novembro de 1830

### A Medalha da Imaculada

*“Eu te agradeço, ó Pai, por ter escondido estas coisas aos sábios e inteligentes e tê-las revelado aos pequenos e aos humildes”* diz Jesus. *“O que é estulto no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes”*; diz São Paulo (1Cor 1,27). Ao longo de toda a Bíblia, podemos constatar esta escolha de Deus através de vários exemplos. Maria também, tinha bem consciência desta maneira de agir de Deus quando canta: *“O Todo Poderoso fez maravilhas em mim sua humilde serva”*.

Durante as aparições de 1830, não há nem prodígio, nem segredo, mas Maria deixa simplesmente um sinal inapagável com o qual ela tenta nos familiarizar. Através da sua Medalha, Maria quer nos ajudar a entrar neste estado de espírito de Deus que se revela aos corações puros e humildes.

Estas pistas pastorais são algumas abordagens, entre outras possíveis; não podem pretender esgotar o sentido desta Medalha oferecida por Maria mesma. Num primeiro momento, detenhamo-nos sobre esta desproporção quase inverossímil entre a grandeza do nosso planeta e o sinalzinho deixado por Maria. Após, scrutaremos este "dom do Céu" à luz das Escrituras. Em seguida, veremos como o sinal da Medalha nos introduz no espírito dos Bem-aventurados. Por último, deixaremos ressoar em nossos corações a palavra: *"façei cunhar uma medalha conforme este modelo"*.

### UMA PEQUENINA MEDALHA NUM UNIVERSO TÃO GRANDE!

Do ponto de vista humano, os desafios da nossa sociedade são tão consideráveis e tão complexos que seríamos levados a nos desanimar e a perder a esperança no homem. Através do sinal da Medalha, sinal oferecido num período histórico que passava por profundas perturbações, Maria quer nos lembrar que, independente das realidades em que vivemos, Deus continua conosco: Ele vive no meio do mundo para transfigurá-lo. Ele permanece o mestre da história. Ele coloca em nossas mãos as sementes que não cessam de fecundar a terra para torná-la mais habitável.

O ensino social da Igreja não fornece receita única para a melhoria das relações entre os homens e a transformação da terra, mas convida a pessoa humana a colocar-se em contato com o coração do Deus Trino, modelo eterno de toda vida em comunhão. Jesus veio oferecer e partilhar sua Pessoa e sua Vida, oferecê-la e partilhá-la com cada um dos milhões de homens presentes sobre esta terra para que se deixem transformar por Ele.

Contemplando Maria durante a aparição de 27 de novembro, Irmã Catarina contempla uma humanidade, iluminada pela graça, transparente do Dom que lhe é feito e que ela partilha ao nosso mundo: *"Maria, fecundada pelo Espírito, torna-se Conceção de Jesus Salvador"*. A boa nova desta Aparição, é de nos repetir que a humanidade não se reduz às suas aparências de miséria ou de orgulho, é rica de um tesouro escondido, a própria vida do Espírito. Humilde e modestamente, a Medalha nos recorda que Deus é a verdadeira medida do homem. Somente Ele revela plenamente o homem a ele mesmo.

## UM SINAL DO CÉU A ESCRUTAR À LUZ DOS EVANGELHOS

Num primeiro momento, deixemos ressoar o relato das bodas de Caná (Jo 2,1-11) a fim de fazer "cantar" a Medalha à luz deste Evangelho.

No Evangelho de São João, Caná é o início dos sinais onde Jesus *"manifesta sua glória"*. E o evangelista coloca a *"mãe de Jesus"* no centro deste relato. É ela que retém a atenção e é em função das suas reações que se falará, em seguida, das reações de Jesus. O milagre, a manifestação da glória de Cristo, passa pela sua mãe.

Neste episódio, Maria é aquela que sabe ver o todo da situação e olhar as coisas em detalhe. Apreendendo a cena com um olhar, ela compreende que algo de essencial está faltando. Seu dom de contemplação permite-lhe descobrir o que falta, compreendendo imediatamente o fundo da situação, não para acusar ou recriminar, mas para sofrer e amar. Após ter constatado o que faltava, Maria não fica lá. Sua disponibilidade atenta e discreta lhe faz dizer com simplicidade a Jesus: *"eles não têm mais vinho"*. Ela é a única a dizê-lo. Apesar da resposta misteriosa e desconcertante de Jesus, Maria coloca os homens em relação com seu Filho: *"Fazei tudo o que Ele vos disser"*.

Quando Jesus intervém, não somente dá do bom vinho, mas o dá em abundância. A superabundância quantitativa acrescenta-se um excesso qualitativo: este vinho é ainda melhor que o precedente! Não está aí uma maneira de evocar a superabundância da vida doada por Jesus, a generosidade divina? Deus dá sem medida: *"As graças serão abundantes para todas as pessoas que a trouxerem com confiança"* dirá Maria a Irmã Catarina.

No fim do relato, São João escreve: *"Tal foi o primeiro dos sinais de Jesus. Ele manifestou sua glória e seus discípulos creram nele"*. Contrariamente aos hábitos dos relatos de milagre onde a multidão se extasia, aqui, não se fala de pessoas; é como se não tivesse percebido nada. Há apenas o pequeno grupo de discípulos que se dispõe a crer nele. O verdadeiro milagre que mostra a glória de Jesus não é a transformação dos discípulos: *discípulos que se tornam crentes?*

### O sinal de Caná e o do Calvário

Se São João nos diz que Caná é *"o primeiro sinal"*, não é porque este casamento faz sinal de um outro casamento, o último que Cristo vai selar com a humanidade no seu sangue à Cruz?

*"Ora, o terceiro dia, houve um casamento em Caná..."* Caná é o início dos sinais onde *"Ele manifesta sua glória"*, mas é também o anúncio do único e definitivo *"terceiro dia"*, aquele da Páscoa. Com efeito, se Caná é um início, a Paixão é o resultado: *"Ele os amou até o fim"*. O caminho da Cruz conduz ao início da Igreja. Na Cruz vai nascer a Igreja; os *"discípulos"* se tornam a Igreja pela primeira vez, cheios do vinho do Espírito.

No Evangelho de João, Caná e o Calvário são os dois únicos lugares onde se fala da *"mãe de Jesus"*. Anteriormente, não se fala de forma alguma. Caná e o Calvário estão estreitamente ligados. As duas vezes é chamada a *"mãe de Jesus"*. Em Caná, ela espera o vinho do Reino e Jesus dá sinal disso. Na Cruz, quando o sinal se torna realidade, então a mãe de Jesus é instituída *"mãe de todo discípulo"*, ela se torna a mãe da Igreja.

### O sinal da Medalha

Por que Maria nos deixou um sinal? Para nos dar sinal de quê? O que a *"mãe de todo discípulo"* nos dá a conhecer, não é para nos conduzir a ver o que não se vê? Da mesma

maneira que Maria preparou os servos das bodas de Caná a se colocarem em atitude de escuta da Palavra de Jesus, ela continua hoje a dar sinal de ir mais longe no caminho da fé, da confiança. Confiando-nos sua Medalha, Maria nos introduz numa caminhada de fé para nos tornar verdadeiros *"discípulos de Jesus"*.

Quando as palavras da curta oração *"Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós"* vêm aos nossos lábios, pedimos a Maria para rogar por nós a fim de nos tornar mais *"discípulos que crêem n'Ele"*. Como em Caná, Maria comunica o que significa ser crente: fazer tudo o que Deus nos disser, nos abrir à disponibilidade incondicional.

### **A primeira discípula que acreditou**

No simbolismo da Medalha, Maria ocupa um lugar particular como em Caná. A Medalha orienta o nosso olhar para Deus através da pessoa de Maria. Esta não está ao lado de Deus, mas diante d'Ele, não para escondê-Lo, mas para fazê-Lo aparecer numa luz humana, feminina, materna. Para Leonardo Boff, *"Maria é o lugar onde Deus manifesta o seu rosto feminino"*.

Olhando a Medalha, percebemos o olhar benevolente de Maria sobre o todo da Igreja e do mundo. Ela entende os sofrimentos inexprimíveis do nosso mundo e roga por nós e em nosso nome: *"Eles não têm mais vinho"*. Nós podemos também contemplar Maria, Serva, em relação com Deus e os homens. Quando diz aos servos: *"Fazei tudo o que ele vos disser"*, suas palavras não fazem eco às pronunciadas pelo Faraó durante a fome no Egito: *"Ide a José, e fazei o que ele vos disser. Como a fome assolasse toda a terra, José abriu todos os celeiros e vendeu víveres aos egípcios. Mas a penúria cresceu no Egito"*. (Gen. 41,55-56). Maria é mediadora por quem o poder de Deus se manifesta sobre a terra para a humanidade inteira. Ela nos ajuda a nos deixar inundar pela luz de Deus. O símbolo dos raios de luz, que saem em superabundância das mãos de Maria, não exprime o "bom vinho" que Jesus quer para nós, a irradiação dos dons de seu Espírito de humildade, de simplicidade e de caridade?

### **Maria, nossa Mestra de vida espiritual**

Em Maria está um dos segredos da nossa vida de servas dos Pobres. Ela nos ensina a contemplar o Cristo em nosso serviço dos Pobres. Como em Caná, ela nos obtém:

- a graça da **oração** para meditar em nosso coração a Palavra de Deus, aprofundar todos os acontecimentos da nossa vida à sua luz e louvá-Lo por suas maravilhas.
- a graça **da atenção** para escutar os gritos dos pobres, compreender o que os toca, apreciar as situações como um todo.
- a graça **da humildade** para reconhecer não somente as faltas que nos impedem de dar o "bom vinho", mas também o dom dos outros sobre o qual apoiar-se.
- a graça da **fé** que faz total confiança em Cristo.
- a graça do **espírito de serviço** procurando unicamente a vontade de Deus.
- A graça da **caridade** para colaborar com os outros.

### **A MEDALHA DA IMACULADA, UM SINAL QUE NOS FAZ ENTRAR NO ESPÍRITO DAS BEM-AVENTURANÇAS.**

No Evangelho, Maria fala pouco, mas dá a Palavra: Jesus. Seu único desejo é conduzir-nos ao essencial do Evangelho. Se, apaixonando-nos pela Palavra, olhamos a Medalha, podemos dizer que é do mesmo modo. Pela grande riqueza dos seus símbolos, a Medalha nos propõe contemplar o mistério do Amor de Deus para com os homens. Somos

convidadas a receber a Medalha assim como os pastores receberam o anúncio. Diante do menino Jesus, eles não encolhem os ombros, não discutem, mas abrem-Lhe seus corações.

Detendo-nos sobre algumas características da Medalha, podemos entrar no espírito das Bem-aventuranças que nos fala, entre outras, da humildade de Deus, do abandono à Providência e do espírito de contemplação.

### **Felizes os pobres de coração, o Reino de Deus é deles! (Mt 5,3)**

Enquanto somos freqüentemente tentados a recorrer a um Deus poderoso e triunfante, Maria nos convida, pela simplicidade da Medalha, a nos converter à humildade de Deus. Deus se fez carne para permanecer conosco; um dia, Ele se torna o Crucificado com o coração transpassado que dá a sua vida por nós. Jesus reverteu o sentido das grandezas humanas. Deus feito homem até à morte de Cruz revela a verdadeira grandeza, a verdadeira potência. A glória da Ressurreição não tem nada a ver com as nossas glórias fracassadas.

A Medalha é a expressão da maneira de agir de Deus quando ele vem entre nós. É sempre com meios pobres e inesperados: uma gruta, um burrinho sobre o qual ele monta, uma cruz, a dos escravos... Para compreender todo o alcance da mensagem da Medalha, devemos, por conseguinte nos despojar da nossa auto-suficiência para nos revestir do espírito de humildade. Ainda hoje, Deus continua a se manifestar na fraqueza, na pobreza, no aniquilamento. É-nos pedido aprender a decifrar os sinais de Deus. Como dizia o cardeal Newman, Jesus *"vindo ao mundo, não se agitou, não fez barulho, não fez ressoar sua voz... Isto vale ainda hoje: Ele fala em voz baixa, seus sinais são discretos..."*.

### **Felizes os que têm confiança, eles serão salvos**

*"As graças serão derramadas sobre todas as pessoas que a usarem com confiança"*. Através desta curta oração, Maria se compromete em estimular, despertar ou desenvolver a nossa confiança em Deus. É por isso que a Medalha só atinge o seu verdadeiro objetivo suscitando a confiança no coração.

Diante do medo dos outros que pode nos invadir e minar as nossas relações humanas, Deus confia em nós, Ele vem em nosso auxílio, Ele tem tanta confiança em nós que coloca em nossas mãos o que Ele tem de mais caro, seu Filho único. Para curar os nossos corações desconfiados e cheios de temor, Jesus não vem no poder, mas na ternura. Ele nos traz a misericórdia, a benevolência, a doçura e a paciência do Pai. Ele nos ensina sua confiança para com seu Pai. Maria está aí, ao nosso lado, para nos ensinar esta relação de confiança do Filho para com o Pai e nos ajudar a andar nesta confiança. Com Maria, tomamos consciência que ter confiança não é natural, mas um dom de Deus a acolher. *"Senhor, nós cremos", mas "aumenta em nós a fé"* (Lc. 17,5) a fim de viver na certeza de que Deus é Providência para nós.

A Bartimeu, Jesus pergunta se ele tem consciência de que Deus, bom e providente, pode ajudá-lo em sua situação e diante de sua confiança, Jesus lhe diz: *"Vai, a tua fé te salvou"* (Mc. 10,52). Nós também, com a mesma confiança que a de Bartimeu, peçamos a Deus a sua graça particular para viver bem o que ele nos pede.

### **Felizes os corações puros, eles verão a Deus (Mt 5,8)**

Melhor do que um discurso, as duas faces da Medalha são um sinal luminoso que nos faz entrar no mistério de Maria. É-nos necessário *"virar a Medalha"* para compreender a profundidade do coração da Imaculada, unido ao de Jesus.

Será que por este simbolismo, Maria não nos dirige indiretamente a mesma mensagem: a do mistério de todo homem criado à imagem de Deus? A dignidade do homem é um dom maravilhoso que decorre do olhar de amor colocado por Deus sobre Jesus e sobre cada um de nós. Mas a realização efetiva deste dom depende do livre acolhimento do homem. Em outras palavras, será que Maria não nos recorda a importância de pedir a Deus uma atitude contemplativa para poder, nós também, "*virar a medalha*"? Com efeito, só um olhar de fé nos permite ir além das aparências para descobrir, em toda pessoa, a presença de Deus e reconhecer a sua verdadeira grandeza.

## **A MEDALHA DA IMACULADA: SEMPRE A "RECEBER" E A "DIFUNDIR"**

Pelo convite em fazer cunhar uma medalha com sua imagem, Maria quer deixar, a todos, um sinal da sua mensagem de ternura. Esta missão, confiada a Irmã Catarina, não nos compromete também, pessoalmente, a acolher Maria e a "gravar" a sua imagem no mais profundo do nosso coração"?

Gravar "sua imagem" no mais profundo do nosso coração, não é uma outra maneira de "*receber Maria em nós*"? Trata-se da mesma obra de graça: acolher, cada dia, Maria em nossa vida e nos deixar seduzir, com ela, até à extremidade do amor. Da mesma maneira que Isaías nos dizia da parte de Deus: "*Teu nome está impresso na palma das minhas mãos*", Deus nos convida, por nossa vez, a gravar o seu Amor em nosso coração.

O que se passou no México, em 1531, foi maravilhoso. Durante uma das aparições de Nossa Senhora de Guadalupe a Juan Diego, a imagem de Maria ficou impressa sobre o casaco (a tilma) do camponês indiano. No dia 12 de dezembro de 1531, quando Juan Diego conta a sua aventura ao Bispo do lugar, este percebeu, sobre a tilma, a imagem de Nossa Senhora, muito bonita e cheia de doçura. Mas tarde, os exames oftalmológicos dos olhos de Maria, impressos sobre a tilma, revelaram a imagem do vidente na pupila dos olhos de Maria. Este último símbolo não manifesta magnificamente o lugar que Juan Diego tinha no coração de Maria?

Cada manhã, escutamos o apelo de Maria para "*gravar a sua medalha*" no fundo do nosso coração a fim de viver, com ela, a nossa vocação de filhos de Deus. Se olharmos o mundo com os seus olhos, escutarmos os apelos dos homens com seus ouvidos, amarmos nossos irmãos com o seu coração, então, poderemos ver "sua imagem" na bondade dos nossos olhos, na qualidade da nossa escuta, no dom de nossa vida.

## **Conclusão**

Foi uma humilde Filha da Caridade que foi escolhida para ser o instrumento da Medalha da Imaculada. Isto não nos surpreende que Deus escolheu esta jovem Irmã e não outra que teria sido mais distinguida aos olhos do mundo. Irmã Catarina era pura e pobre de coração, sensível às "coisas de Deus". Como Maria, Irmã Catarina era uma serva do Senhor, uma serva disponível e disposta a cumprir a vontade de Deus.

Parece difícil usar a Medalha sem ser impulsionada a contemplar a pureza do coração da Virgem Maria e a de Santa Catarina, e a se comprometer na vivência da humildade e da verdadeira fraternidade onde o menor é preferido.

Ó Maria, humilde Serva do Senhor,  
nós te contemplamos em tua missão universal de Mãe da Igreja.

Teu carisma é olhar atento e reconfortante sobre *"o mundo e cada um em particular"*.

Ó Maria, única Mãe da Companhia,  
Nós te agradecemos por ter olhado Irmã Catarina com tanto respeito.  
Tu nos indicas, assim, onde se encontra a verdade do Evangelho.

Ó Maria Imaculada, nomeada, assim, no dia 27 de novembro de 1830,  
Nós te agradecemos pelo dom da Medalha.  
Nós nunca terminaremos de aprofundar a dimensão, a amplitude e a profundidade  
desta boa nova e tu nos convidas a vivê-la no dia-a-dia.

Irmã Anne PRÉVOST  
*Filha da Caridade*

### **Santíssima Trindade**

Eu vos adoro, Santíssima Trindade,  
um só Deus em três pessoas,  
Pai, Filho e Santo Espírito.

Eu vos agradeço todas as graças  
que recebi de vossa bondade.  
Dou-vos o meu coração e tudo o que  
me pertence  
para fazer sempre vossa santa vontade.

Dái-me por favor a graça, ó meu  
Deus,  
de passar o dia sem vos ofender  
e sem causar dano ao meu próximo.

Dái-me o conhecimento dos meus pecados  
e a contrição que devo ter  
em vos ter ofendido.

Vós, ó meu Deus, que sois tão bom,  
pelos méritos do precioso sangue do meu Salvador,  
tende piedade de nós,  
de todas as almas que estão em pecado mortal,  
para que, fazendo-lhes misericórdia,  
elas vos louvem eternamente.

Autografo de Santa Luísa de Marillac  
Publicado num "Um fogo que devora" - Irmã Charpy 1994